

João Carlos Alfredo

## **FUTEBOL FUTEBÓLERES:**

Uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de  
1910 e 1920

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria  
Literária do Instituto de Estudos da Linguagem  
da Universidade Estadual de Campinas como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Berta Waldman

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1996

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

AL29f

Alfredo, João Carlos

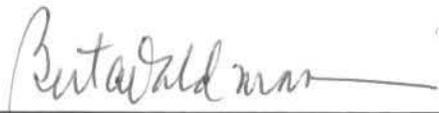
Futebol futebóleres : uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920 / João Carlos Alfredo. -- Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador: Berta Waldman.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Futebol. 2. Nacionalismo na literatura. I. Waldman, Berta. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	TJUNICAMP
	AL29F
V.	E
N.º DE FOLHAS	28276
N.º DE VOLUMES	667/96
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/08/96
N.º CPD	

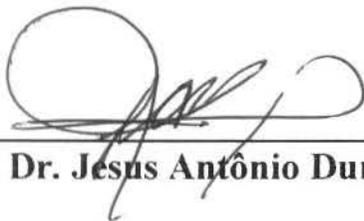


---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Berta Waldman - Orientadora**

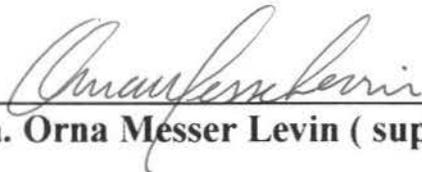
---

**Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado**



---

**Prof. Dr. Jesus Antônio Durigan**



---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Orna Messer Levin (suplente)**

Este exemplar é a edição final da tese  
defendida por João Carlos Alfredo

e aprovada pela comissão julgadora em  
10 / 07 / 1996.

Prof. Dr. Berta Waldman

**Aos meus pais, Ernestino José e Duzolina;**

**Ao meu irmão, Marcos Vinícius (*in memoriam*),  
que teria lido com orgulho e comoção este  
trabalho;**

**A Berta Waldman, pela qualidade na  
orientação, que foi além das exigências  
acadêmicas;**

**À Vilma Arêas, no jogo da vida.**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus irmãos Júlia, Antônio, Segefredo, Adalfredo, Rita, Duzolina, Ernestino, Ernestina Maria, Petrônio, Marco, Laraine, Valentino e Anselmo, com muito afeto pelo que contribuíram cada um a seu modo para a elaboração deste trabalho.

A Vagner Camilo, perito na diagramação e claro na amizade.

A CAPES, CNPQ e FAPESP que me forneceram subsídios materiais para a realização deste trabalho.

*Depois foram-se embora com prazer e alegria, bailando que  
mais bailando, seguida de futebóleres águias pequenos xodós  
seresteiros, toda essa rapaziada dorê.*

*O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola  
caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-  
café, Jiguê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol, três  
pragas.*

*Mário de Andrade*

## RESUMO

Este ensaio analisa a relação entre o futebol e alguns textos - literários ou não - da época em que este esporte foi introduzido no Brasil, até o Estado Novo.

Seu objetivo é estudar as implicações sociais e históricas na estrutura dos textos e na compreensão do esporte, sendo o conceito de *nacionalismo* em seus vários sentidos a base da maioria dos escritos.

Este fato justifica as referências às principais teorias sobre o futebol no primeiro capítulo. Pelo menos há lampejos delas em muitos dos textos estudados.

## PALAVRAS CHAVES

futebol - nacionalismo - literatura.

\*\*\*

# **SUMÁRIO**

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. O Futebol na Mira das Interpretações**
- 3. O jogo dos textos:**
  - 3.1. Jogo Nobre Jogo Pobre**
  - 3.2. O Debate Ideológico**
- 4. CONCLUSÃO**
- 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## INTRODUÇÃO

Nesta introdução pretendo historiar o desenvolvimento de minha pesquisa, para que o leitor compreenda as razões de minha escolha e os caminhos desse percurso.

Do início do meu projeto até o resultado final muita coisa mudou. O futebol não deixa de ser uma manifestação *sui generis* de cultura popular, na medida em que não se restringe apenas ao âmbito *do vulgo*, atingindo, também, todas as camadas sociais sob os mais variados aspectos: no comportamento cotidiano, nas mediações ideológicas que mascaram interesses duvidosos e, ainda, nas obras de criação da literatura brasileira. Este último aspecto constitui o ponto principal de minha pesquisa.

Desejava, a princípio, após um levantamento exaustivo, analisar todos os textos literários que tratassem do tema, assim como estudos teóricos. Perseguindo esse objetivo, entrevistei especialistas sobre o assunto e tentei elaborar uma pequena gramática dos diferentes usos do esporte na literatura nacional e das diferentes abordagens teóricas.

Na verdade, eu ambicionava resolver por completo o assunto. Logo me dei conta da ingenuidade desse desejo, pois a pesquisa teria de cobrir nada menos que um percurso de tempo que ia dos meados do século XIX até praticamente nossos dias, tentando dar conta da representação do futebol, entrelaçada com a história do Brasil e, ainda, com as modificações por que passou a história da literatura. Além disso, defrontei-me com uma excessiva quantidade de textos a serem analisados e interpretados, a que se acrescentavam a dispersão do material sobre o tema, informações parciais e imprecisão de dados.

Diante disso, estabeleci um recorte que visasse a uma síntese periódica. Esta, evidentemente, reduziu meu campo de trabalho em dois pontos básicos: um, o limite temporal bem marcado, que vai da implantação oficial do futebol até a década de 20, período que corresponde à prática amadora desse esporte; outro ponto, que deriva deste, está na seleção de textos mais significativos enquanto tratamento do tema.

Apesar do fechamento desse leque de opções meu objetivo inicial permaneceu: verificar como a obra literária, centrada no futebol, responderia às solicitações propostas pelo contexto sócio-histórico do país. Levei também em consideração textos de extração não-literária, produzidos entretanto pelos escritores estudados, na medida em que iluminam o debate sobre o futebol, clara ou veladamente aludido na literatura.

Para corresponder à exigência desse objetivo com dupla vertente, estabeleci a diferença entre "estética do futebol", ligada ao esporte apenas enquanto forma lúdica, fundamento da literatura e estética literária. Levei ainda em conta a passagem de uma a outra, sem

descartar as contradições que interferem nesse esporte quando o jogo vai além de suas regras.

Parece-me que olhar o futebol não apenas em sua estética puramente lúdica é desvendá-lo em sua ideologia e aceitá-lo como é: um objeto ambíguo que, semelhante a qualquer mercadoria, não fica à margem das solicitações de classe. Assim, o futebol extrapola seu caráter puramente ontológico de jogo em si para se carregar dos numerosos interesses pelos quais é cercado. Em outras palavras, o esporte perde sua essência genuinamente lúdica (o que às vezes é inteiramente acolhida pela literatura, como um conto de Alcântara Machado, que será analisado) e passa a ser mero objeto de troca.

Num plano geral e abstrato, a relação entre futebol e literatura mantém uma aderência pré-estabelecida desta com o dado concreto do jogo. Sem levantar as minúcias e sutilezas que provocam a discussão do realismo em arte, neste caso torna-se impossível negar a dependência da obra a este "objeto-futebol", que terá sua representação tão variada quanto o número de textos.

Retomamos aqui a afirmação de Antonio Candido de que "mesmo dentro do realismo, os textos de maior alcance procuram algo mais geral, que pode ser a razão oculta sob a aparência dos fatos narrados ou das coisas descritas, e pode ser a *lei* destes fatos na sequência do tempo".<sup>1</sup>

O paradoxo daí advindo, conforme conclusão do autor, é que o efeito do real provém antes da transcendência dos fatos do que da mera descrição deles.

---

<sup>1</sup>"Realidade e Realismo" in Eurípedes Simões de Paula in *Memoriam*. São Paulo: USP, 1983.

A escolha que fiz do período baseou-se em vários fatores. Em primeiro lugar, a introdução do esporte no Brasil causou verdadeiro impacto, suscitando reações contraditórias: aceitação irrestrita ou rejeição, às vezes até mesmo repulsa, como é fácil de se perceber em textos de Lima Barreto, que chega a evocar **A Modest Proposal** de Swift para calçar sua diatribe contra o futebol. Em segundo lugar, o esporte foi imediatamente utilizado por teses nacionalistas, como a de Monteiro Lobato, incluindo-se portanto numa discussão que até hoje perdura.

O período também me interessou pela curiosa razão de que as discussões teóricas sobre futebol, que hoje são principalmente da alçada de antropólogos, psicólogos, etc, se travavam então no campo dos literatos. Procedi então a uma conversão do tempo e, com vistas a uma melhor compreensão de tais teorizações não-sistemáticas nos textos literários do passado, elaborei um levantamento de algumas das teorias modernas sobre o futebol, ao lado de alusão a certos textos literários contemporâneos que não resistem à sedução do tema e não se furtam ao debate teórico, continuando, portanto, a tradição do período que elegemos.

# **O FUTEBOL NA MIRA DAS INTERPRETAÇÕES**

Os textos estudados neste capítulo, vistos em conjunto, parecem sintomáticos da rede de significação que oferece o futebol àqueles que dele se ocupam.

Na simples distribuição classificatória que fiz das teorias que o abordam, transparece o compasso variado e contraditório que pontilha a posição instável desse esporte, e nos submete a uma profunda relatividade, única postura prudente, penso, diante de objetos tão escorregadio e semanticamente difícil de contornar.

Incluído numa sociedade ávida de interesses, seu conteúdo lúdico é matizado, atirando-o a esferas dissociadas de sua imanência original, o que o transfigura a ponto de creditá-lo como um "texto" metaforicamente inflado. Estrategicamente, colocando-se interesses econômicos à parte, a paixão que esse esporte inspira, só é comparável, afirmam, ao entusiasmo pelo teatro no século passado<sup>2</sup>; paixão que é, sem dúvida, responsável por tal inflação semântica.

O elenco de teorias arroladas neste capítulo serve simplesmente para demonstrar a ambiguidade do futebol, que se orienta "para

---

<sup>2</sup> Cf. Douglas A. Reid, " 'O Teatro Popular' na Birmighian Victoriana", in *Performance and Politics in Popular Drama*, London: Cambridge University Press, 1980: 81:

"Durante a discussão a respeito do comportamento da audiência (desse teatro), uma analogia com o moderno estádio de futebol pode ter surgido na mente de muitos leitores e, na verdade, este é um paralelo especialmente apropriado."

Sem dúvida o paralelo não é gratuito, tanto na Europa quanto no Brasil. Encontramos, por acaso, no *Jornal do Comércio* de 31 de dezembro de 1838, Rio de Janeiro, uma "Regulamentação e Penalidade para Jogos", nos quais estavam incluídos o carnaval (entrudo, na época) e o teatro. Portanto, antes da introdução do futebol no Brasil, a lei enlaçava no mesmo nó teatro e jogos. A regulamentação em relação à cena estabelecia:

"Não se pode falar aos gritos, a não ser com os atores (Bravo, caput, fora); não se pode ler coisas sem o visto do juiz; na plateia, ou em frente dos camarotes, só se pode estar vestido com casaca e calçado; não se pode jogar laranjas, pedras ou moedas para dentro ou fora da caixa do teatro."

O trechinho dispensa comentários.

esferas de sentido que parecem não lhe caber."<sup>3</sup> Portanto, o intuito não é fazer um capítulo sobre as várias teorias e discutí-las até suas últimas consequências, mas apenas mostrar como no campo das ciências humanas ele tem um tratamento variável e tão metafórico quanto um texto literário que o utiliza enquanto tema.

Esta afirmação certamente é provocativa e polêmica, pois parece colocar em pé de igualdade objetos de natureza distinta, com instrumentos divergentes enquanto forma de conhecimento da realidade. Mas não é a natureza intrínseca e a distinção entre literatura e um suposto discurso científico o que está aqui em jogo. É o objeto-futebol que, enxertado no âmbito desses vários interesses, revela sua polivalência.

Embora a linguagem científica seja predominantemente referencial e pragmática, resultando daí um necessário recorte do objeto, esse mesmo objeto tratado nos vários setores das ciências humanas (psicanálise, sociologia, política, etc.) revela sua singularidade profundamente ambígua.

Sendo assim, visto o futebol no conjunto dessas investigações, a área de sua significação não se limita mais a um código cerrado e bem determinado que o circundaria em sua natureza especificamente lúdica; o código é estilhaçado e em cada caco iremos encontrar uma parcela do cotidiano submetida ao arbítrio da individualidade.

As generalizações são relativamente fáceis de ser formuladas, pois se apóiam em abstrações que compõem o objeto em sua singularidade. Como já se notou, a contradição é o nervo da vida. Ora, apreender esta última em sua significação total requer um

---

<sup>3</sup> Anatol Rosenfeld, "O Futebol no Brasil", in *Argumento*, ano 1, n. 4: São Paulo: Paz e Terra, fev. de 1974.

esforço que procura dar conta das situações concretas de que trata a História, onde tais contradições afloram.

Próprias do campo especulativo, as generalizações perdem seu caráter absoluto de validade universal quando confrontadas com fato particulares. Não há dúvida, seu resultado final é extraído de um conjunto de dados que se afinam por uma ou mais características comuns entre eles. Mas isto não quer dizer que as generalizações tomem conta do objeto em sua inteira organicidade, contornando seus limites de significação. Nem poderia ser de outra forma. São, entretanto, de grande eficácia enquanto conceito operacional e visão de conjunto e, ainda, porque iluminam retrospectivamente os detalhes. As grandes sínteses correm, às vezes, o risco de encobrir um aspecto que possa ser fundamental para a compreensão adequada do objeto, uma vez que no seu ponto de chegada os pormenores não são levados em consideração.

Na latência desse campo imantado de contradições é que devemos investigar a natureza do futebol, sem que nos fixemos numa atitude axiomática que, inevitavelmente, o reduzirá, senão àquilo que gostaríamos que fosse, pelo menos a um entrave teórico.

Sabemos que a teoria modela o real e apara, às vezes, certas arestas em nome de uma convincente argumentação lógica e racional. Este dado oscilatório não nos dá, é evidente, nenhuma certeza nem nos leva a uma visão homogênea do futebol; antes, nos introduz no seu caráter ambivalente e sugere sua importância dentro do quadro social brasileiro, enquanto estatuto de interferência no imaginário do cotidiano.

A pertinência desses textos, num estudo do futebol enquanto matéria e forma da literatura, como é o nosso, se justifica exatamente

por nos revelar certo parentesco entre a leitura teórica do futebol como verdadeiro "texto", e a variedade do tratamento literário do tema.

\*\*\*

Fazendo parte de uma antologia organizada pela Secretaria do Estado da Cultura, em 1982 (**Em Campo, Futebol e Cultura**), Luis Fernando Veríssimo escreve um texto no qual recolhe todas as teorias, ou quase todas, a respeito deste esporte, dando-lhe um tratamento humorístico. É paródico, irônico e aponta, com sua verve peculiar, as fantasias da maioria das interpretações. Em suma, o texto pode servir de contraponto humorístico às demais posturas, teóricas ou sentimentais, encontradas na coletânea. E como ele se desenrola na forma de um pequeno conto, ou crônica, a esfera da arte também aí está incluída.

O próprio título, "Sem Mãos", já alude à importância dada por alguns teóricos ao fato de o esporte ser jogado apenas com os pés.

Por exemplo, em tese em preparo sobre o futebol e resumida na mesma coletânea com o título "Nos Conflitos Simbólicos da Alma Coletiva", Carlos Byington enfatiza a função dos pés na prática do jogo, atribuindo-lhe uma função simbólica revolucionária:

"Os pés representam a parte mais instintiva do ser humano, como tão bem ilustra a figura imemorial mitológica do centauro. Os pés representam a metade inferior do corpo, geralmente associada aos processos inconscientes e vegetativos, pois aí se situam os intestinos, a excreção fecal e urinária e os órgãos sexuais, que se contrapõem à cabeça e à boca, representantes da consciência, da fala e da ingestão.

A resposta do futebol é tão revolucionária exatamente por reintroduzir a parte inferior do corpo, tão reprimida pela cultura, e relacioná-la com o centro."<sup>4</sup>

Veríssimo se refere a essa interpretação, misturando-a às fantasias dos inícios míticos do esporte e às versões psicanalíticas vulgares.

No início, diz ele, quando nem ainda éramos gente, bebíamos sangue e vento, cheios de medo. E éramos onze. Era o exílio. E não havia mulheres.

"O exílio. Banidos de casa. Chutávamos uma caveira na planície. De pé em pé. Roda de bobo com caveira. Onze rapazes sem mulheres, longe de casa, alimentados a carne viva. A culpa nos tinha mantido unidos. Isso foi há muito tempo. Antes de Ademir, antes de Friedenreich, antes de Édipo, antes dos etruscos, antes da roda. Nosso pai nos expulsara de casa. Aquele tirano. Não, não, um santo homem com toda a razão. Nos baniu porque queríamos as suas mulheres. As nossas mães e irmãs. Sabe como é garoto (...) Vagávamos pela planície, chutando caveiras (...) Sem tocar com as mãos. As mãos, só em último caso. O caso do goleiro. As mãos traiçoeiras, eram terríveis. Mãos de pegar mulher, mãos de esgoelar pai. Mãos de brandir osso. Hands. Proibido."

( Sem dúvida com esse - "Hands. Proibido."- o autor esteja contrapondo a origem do futebol, que nos chegou da Inglaterra, com regras estipuladas pelos ingleses, a esses mágicos começos).

Em seguida, Veríssimo se refere ao problema do ídolo futebolístico, seu valor simbólico, que tem também feito correr tanta

---

<sup>4</sup>Em campo, futebol e cultura. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1982: 34.

tinta, nas mais variadas interpretações. Como não poderia deixar de ser, o ídolo é brasileiro: Pelé.

"Um dos nossos, o mais bacana, o camisa 10, o caçula, garoto de ouro, substituiu o velho no coração da tribo. Era o mais querido das mulheres, o filho redimido, nosso herói. (...) E o pai morto. Lá de cima, das tribunas especiais, de olho em nós. Aquele olho exigindo reparação. Me comeram, é? Agora paguem. (...) Sacrificamos o nosso herói no altar de ossos. Mas ao mesmo tempo o adoramos. (...) Comemos a carne do nosso herói e bebemos o seu sangue de novo, como um desafio. Simbolicamente, é claro, porque um número 10 não se desperdiça."

O homossexualismo, outro tópico muito aludido e estudado, é assim por ele glosado:

"Saudade de chutar caveira longe do terror das mulheres. Saudade de dormir junto, os onze. Tomar banho juntos. Caçar juntos. Vidão. E nosso pai nos amando."

Outra abordagem comum é focalizar o esporte como versão moderna de guerras antigas, resolvidas pela espada e pelo sangue. O futebol sublimaria isso. Veríssimo parodia essa postura :

Teve uma época em que, em vez de onze, eram populações inteiras de cada lado. Cidade contra cidade. A bola era uma bexiga de boi. Ou pâncreas, sei lá. Jogavam nos campos entre as cidades. Deviam passar por cima de tudo, arrasar plantações, espisotear (sic) bichos, derrubar florestas a pontapés. E ainda dizem que o futebol de hoje é violento."

A figura do cartola, personagem impescidível nos estudos históricos e políticos do futebol, aparece no texto como lugar-tenente do autoritarismo paternalista.

"Os cartolas às vezes vêm nos visitar na concentração. Eles nos amam. Nos dão dinheiro e presentes. São nossos pais. Estamos perdoados. Pagamos com obediência e abstinência. Nos abstemos de mulheres e de comê-los vivos."

As análises psicológicas que exploram a relação entre jogadores e torcida também "entram em campo" com Veríssimo:

"A torcida nos ama. Representamos, para cada homem, a sua volta à planície descomplicada, ao onze primevo, de onde nenhum devia ter saído."

Por último, aos que acham que "o sangue acabou" e que a guerra antiga foi substituída pela inocência do jogo - contra todas as evidências de que temos conhecimento da violência do esporte - o autor ainda tem uma palavrinha gozadora:

"A bola é branca. Nem a cor do couro para lembrar carne viva. Somos guerreiros mansos, finalmente sem culpa. O olho de Deus está em outra parte. Outros onze, outros crimes. Em cima de nós, só o olho do comentarista, que não dá remorso. Mas confesso que às vezes ainda sinto cheiro de sangue. Um sopro, como se viesse de longe."

Nesse agudíssimo e bem-humorado registro que jamais se afasta da esfera "baixa" ( e brilhante ) da comédia, cabe a maioria das teses sobre o futebol, a que faremos referência neste capítulo

\*\*\*

A frequência com que vemos o futebol citado, de forma metafórica ou direta, a respeito dos mais variados assuntos, transforma-o numa espécie de moeda ou equivalente geral sempre a pique de ser trocado por objetos vários. Esta observação servirá de ponto de apoio para a compreensão de tantas teorias a respeito do esporte, que funciona como detonador de idéias às vezes incompatíveis.

Entre as várias abordagens que procuram elucidar o nexos entre futebol e política, o ensaio de Duncan Shaw<sup>5</sup> parece colocar nos eixos certa confusão teórica ou ponto de vista que habitualmente permeia estudos desta natureza.

Delimitado no período da ditadura do general Franco, seu ensaio foge aos lugares-comuns ditados pela preferência dos estudiosos conforme suas posições políticas ou ideológicas, que, por tenderem quase sempre a ver o futebol por um só flanco, ficam impedidos de assumir as contradições que interferem no esporte quando seu jogo vai além das regras que o circunscrevem nesse nome. Sem dúvida, o momento histórico estudado por Shaw e os vieses pelos quais passou o futebol na gestão política de Franco é que lhe forneceram uma justa avaliação desse esporte, enquanto instrumento político dos governantes da situação e de uma parcela da população em franca oposição.

Seu ensaio se desenvolve em torno de três aspectos políticos do futebol:

"Envolvió a los obreros de tal manera que los mantuve fuera de la política, y fué utilizado como catalizador para el nacionalismo español. Pero, por otra parte, el fútbol actuó contra el régimen ao

---

<sup>5</sup>Duncan Shaw. "La Política del Fútbol". in *Revista de Occidente*, n. 56. Madrid: Madrid Comercial Atheneum, S.A., enero 1986: 104-114

proveer un terreno falto de peligro para la protesta regional y política."<sup>6</sup>

O papel político do futebol no período da ditadura franquista apresenta duas nítidas direções: uma preocupação com o prestígio político no exterior e uma atenção com o processo político interno, referente aos grupos ou regiões de oposição ao regime, como Bilbao e Barcelona.

Em 1964, a Espanha havia batido a URSS obtendo com essa vitória o troféu "Copa de Europa de Naciones". Ao abandonar o estádio, "125.000 personas, sumergidas en un mar rojo y amarillo, aclamó y aplaudió al Generalísimo Franco cuando se levantó para abandonar el Estadio Bernabéu aquella tarde veraniega."<sup>7</sup>

Segundo o autor, a vitória de Espanha sobre a União Soviética foi utilizada por Franco tendo em vista recuperar sua imagem no exterior, ao restabelecer "Muchos importantes vínculos, con la Union Soviética por ejemplo, para un país que estaba considerado en gran parte por un mundo exterior hostil como el último bastion del fascismo. Franco vió con prontitud el fútbol como un medio para purificar su imagen exterior, presentando un cuadro de España para sustituir el de una ditadura brutal."<sup>8</sup>

Ainda no plano da política internacional, o autor avalia esse triunfo como uma cooperação com a guerra fria, então estratégia política

---

<sup>6</sup>Idem, ibidem: 108.

<sup>7</sup>Idem, ibidem: 104.

<sup>8</sup>Idem, ibidem: 104.

nessa época, além de considerar "un triunfo sobre los viejos enemigos rojos de la guerra civil"<sup>9</sup>

A dinâmica em profundidade do desempenho político do futebol aparece nitidamente na política interna desse país durante a ditadura de Franco.

O ditador dá ao Real Madrid seu apoio semi-oficial que vai ao encontro de sua "estricta política centralista", uma vez que Madrid concentra todo seu poder político. Em resposta à equipe de Franco, a Catalunha e o País Basco, principalmente, dão um apoio intenso e apaixonado às equipes F.C. Barcelona e Atlético de Bilbao.

Uma das características, segundo Shaw, sob todas as ditaduras políticas, com a oposição proibida de revelar seu descontentamento, é a tendência a buscar recursos dissimulados através do teatro e da literatura como forma de expressão de revide e caução para engastar sua ideologia de oposição. No caso espanhol, impedindo o regime às massas uma alternativa mais acessível à utilização do ócio ou de protesto político, cabe ao futebol ser o agente popular de uma certa política. Sendo proibida qualquer manifestação, desde o uso de bandeiras regionais, reuniões de mais de sete pessoas até falar qualquer idioma que não fosse o castelhano, estas equipes terão as cores de suas bandeiras substituídas: um interesse meramente esportivo cede lugar ao plano mental e político:

"Por supuesto que el uso de banderas regionales era un delito más claro, y aunque se produjeron por esto muchos arrestos, en los campos del Barcelona y Athlétic se prefería prudentemente utilizar los colores de su equipo, lo cual, en realidad, significaba la misma

---

<sup>9</sup>Idem, ibidem: 104.

cosa. Todo español, de cualquier signo político o futbolístico, sabía que la azulgrana del Barcelona era un sustitutivo de la bandera roja y amarilla de Cataluña, de la misma manera que el rojo y blanco del Athletic significaban el rojo, blanco y verde del País Vasco. El apoyo hacia estos dos clubes era enorme y apasionado, y alcanzaba su momento culminante cuando el Real Madrid visitaba la ciudad. Permanecer en los graderíos y silbar y abuchear a 'equipo de Franco' era, quizá, la manera más popular de protesta política contra la dictadura"<sup>10</sup>

O terceiro aspecto político do futebol foi usado por Franco como "la cultura de la evasión." Seu objetivo principal era a despolitização das massas enquanto canalização de suas energias que impedissem qualquer organização e articulação política e social. A segurança e equilíbrio do regime eram tanto mais estruturados quanto melhor construídos "sobre las columnas de una apatía social y una aceptación pasiva."<sup>11</sup>

A princípio, isto se obtinha por uma repressão brutal; posteriormente, nos anos cinquenta, Franco se apercebia do valor e eficiência que o futebol apresentava como instrumento de manipulação das massas com um objetivo rigorosamente dirigido: "efecto pacificador" das massas, alijando-as de uma interferência decisiva no processo político da época.

A cautela de Franco em relação à função que o futebol poderia desempenhar dentro do país pode ser encarada como a percepção de que um dos seus instrumentos de propaganda política mais

---

<sup>10</sup>Idem, *ibidem*: 106-107.

<sup>11</sup>Idem, *ibidem*: 7.

persuasivo, justamente esse esporte, possuía uma ação e valor políticos contrários, o que lhe revelava não ser o futebol uma via única de eficácia.

Esta atitude singular do futebol na Espanha, durante o regime de Franco, histórica e politicamente definido, compõe-se conflituosamente de atitudes opostas e antagônicas que lhe conferem uma singularidade paradoxal. A ambiguidade do futebol está menos em seu fator lúdico do que nos interesses dos que dele se apropriam segundo a conveniência em jogo. Ao ser politicamente instrumentalizado, seu conteúdo sofre variações, conforme os interesses de seus manipuladores, e adquire um valor simbólico mentado pela postura política eleita. A alienação, tão fartamente atribuída ao futebol, segundo o que podemos depreender do ensaio de Shaw, explica-se pelos grupos políticos que o colam à sua ideologia e fazem dele canaletas por onde escorrer suas intenções.

Esse ensaio, que historiciza a função do esporte em Espanha, sem julgamentos de *cliché*, pode servir de lente através da qual nos é permitido observar e entender as relações entre futebol e política no Brasil, em muitos momentos ditatoriais de sua história.

Bons exemplos dessas relações encontramos no Estado Novo e na ditadura Militar imposta em 64. A copa de 70 foi o ponto alto da manipulação do esporte e das massas pelo poder militar.<sup>12</sup>

Sob o título "Para que serve o futebol", José Carlos Sebe Bom Meihy<sup>13</sup>, submete à análise algumas interpretações ideológicas do

---

<sup>12</sup> Consulte-se Jacob Klintowitz e Joel Rufino dos Santos. "Futebol e História" in **Encontros com a Civilização Brasileira**, n. 5. Rio de Janeiro, nov. de 1978.

<sup>13</sup> José Carlos Sebe Bom Meihy. "Para que Serve o Futebol", in José Carlos S. Bom Meihy e José S. Witter (org.). **Futebol e Cultura**. São Paulo: Imprensa Oficial (Arquivo do Estado), 1982: 11-14

esporte construídas a partir do pano de fundo ufanista, nacionalista e otimista de alguns de nossos intérpretes tradicionais.

De saída, um dos erros desses estudiosos, segundo ele, é considerar o futebol como "um todo acabado", prestando serviço "a teorias elitistas". O modelo por excelência, o profissional, tem a seu favor os meios de comunicação de massa e se apresenta pela repetição de conceitos-sínteses, sendo apropriado também para alimentar argumentos ufanistas.

A garantia de permanência do futebol profissional se regula por um espécie de festa subsidiada por um "calendário nacional". Tudo sob o comando de um esforço empresarial que objetiva a disciplina do "consumo da vida urbana". Cria-se, assim, uma ilusão de participação "no contexto da sociedade capitalista."<sup>14</sup> Ainda sob a visão de futebol como um todo acabado, os estudiosos o confinam em dois aspectos: a preferência do "povão", e, de outro lado, sua parte administrativa sob a responsabilidade dos "cartolas".

Fenômeno complexo, o futebol, para o autor, não deve ser reduzido "ao pitoresco tropical, ao malandrismo, ao folclore ou a uma questão de jeito."<sup>15</sup> Deve ir além de elaborações ideológicas de autores como Gilberto Freyre, Meira Penna, Homero Homem, entre outros. O futebol é um esporte que agrupa vários "componentes de contradição: a solidariedade e a disputa coexistem dando sentido a uma modalidade esportiva que une e separa, que promove e destrói, que alegra e entristece."<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup>Idem. *ibidem*: 11.

<sup>15</sup>Idem. *ibidem*: 12.

<sup>16</sup>Idem. *ibidem*: 12-13.

O sentimento de "direitos iguais" é assegurado a ambos os times pelas regras estabelecidas durante o ritual do jogo: "mesmo número de jogadores, troca de campos depois do primeiro tempo, sorteio para o início do jogo e um juiz e dois bandeirinhas, neutros, que garantem a aplicação das regras estabelecidas."<sup>17</sup> Na participação, o clima festivo é reafirmado através das torcidas organizadas. A vitória se presta, no futebol, mesmo opacamente, a um sentimento de poder. Em uma disputa, toda a torcida se concentra no triunfo ; dado seu contingente efêmero, o instante da vitória requer retomadas constantes, donde surge a exigência reiterada dos campeonatos. Gradualmente, o futebol, desde disputas de bairro a bairro até o selecionado nacional em certames internacionais, apresenta uma atenuante de grupos, uma vez que "entre os torcedores pátrios" um clima de identificação e unidade percorre toda a nação. "Caracterizando o clima de unidade, tudo se torna facilmente explicável ao nível ideológico: o futebol serve como argumento nacionalista."<sup>18</sup>

O futebol, considerado como "fenômeno brasileiro", cria uma noção de solidariedade e suas interpretações periféricas "contribuem à minimização das diferenças internas" no quadro geral da nação.

Uma linguagem proveniente do discurso oficial apropria-se do futebol como reconhecimento da "debilidade do caráter do povo." Esta linguagem é não só alimento de sobrevivência, como também transmite a idéia de que o futebol é um fator de unidade nacional. Os estereótipos linguísticos de domínio público à força de repetição e ao tom enfático transmitidos pelos meios de comunicação de massa

---

<sup>17</sup>Idem. ibidem: 13.

<sup>18</sup>Idem. ibidem: 13.

asseguram a ideologia nacionalista: "unidade", "povo brasileiro", "coisa nossa", "preferência nacional", "garra", "raça". "Uma retórica gregária", segundo o autor, "passou a confundir o ser brasileiro com o produto de uma linguagem especialmente criada."<sup>19</sup> A consequência mais imediata é "uma interpretação mecânica do futebol" que recupera teorias de caráter nacional sob bases raciais, uma vez que o esporte é adequado a um povo dotado de uma ginga, de uma malandragem, de um jeitinho especialmente brasileiro, recursos indispensáveis ao jogo e aos negros. Segundo estes teóricos ufanistas e racistas, o futebol, assimilando estes elementos de "caráter nacional", exerce a tarefa de "cimento de integrações." A consequência mais geral dessas interpretações é que estas se esgotam "na natureza e no potencial da população."<sup>20</sup>

Meihy, ao passar em revista autores com Gilberto Freyre, Meira Penna, Homero Homem e João Lyra Filho, evidencia entre eles um traço comum: ao caracterizar o povo por uma categoria menor (o futebol) subtraída pelo prisma do desprezo classista, esses autores consideram-no inapto às atividades mais exigentes e racionais. Levantam, no plano interpretativo, a necessidade de uma elite científica e intelectual que, do alto de seus saberes indiscutíveis, se imputem explicadores incontestes e distantes dessa massa inconsequente e incapaz de se organizar social e politicamente. O futebol, para o autor, está a exigir outras interpretações mais sérias e menos vinculadas a intenções tão dirigidas.

Para Luis Eduardo Soares, contudo, a popularidade do futebol, que se alastra por todos os meios de comunicação de massa, deve-se antes

---

<sup>19</sup>Idem, ibidem: 14.

<sup>20</sup>Idem, ibidem:14.

ao seu fator lucrativo que a seu caráter lúdico. Surge daí, portanto, a "função ideológica do futebol que adquire uma significação especial": "O grande empreendimento do futebol não é uma máquina lúdica: o resultado deverá ser sempre o lucro."<sup>21</sup> A necessidade de se estudar este fenômeno social advém de sua importância e influência "nos meios de comunicação de massa e de uma função ideológica."<sup>22</sup>

Movidos pelo interesse econômico, os meios de comunicação de massa e os clubes se aliam para que o círculo lucrativo tenha garantia. Em contrapartida, os torcedores não participam economicamente do futebol, "participam, no entanto, do jogo da ideologia."

A eleição de um time por um torcedor é arbitrária em relação à sua posição social. "Nós sabemos que pertencer a uma classe social é ocupar um lugar, não voluntariamente permutável, nas relações de produção. Ao contrário da pseudo classificação esportiva, a divisão de classes numa formação social determinada, nada tem a ver com a intencionalidade do sujeito ou mobilidade voluntária."<sup>23</sup>

"A ideologia dominante 'elabora' " as diferenças e oferece uma visão de mundo coerente, que permite o deslocamento das contradições e explica posições no quadro da produção, como um valor e desempenho pessoais. A mobilidade social partiria, então, da intencionalidade do sujeito.

O futebol (clubes, grupos de torcedores) age como um reclassificador social e põe em prática o discurso ideológico da classe

---

<sup>21</sup>Luis Eduardo Soares, "Análises de Estratégias Simbólicas - Futebol e Ideologia"- mimeografado. Rio de Janeiro, 1974: 51.

<sup>22</sup>Idem, ibidem: 51.

<sup>23</sup>Idem, ibidem: 53.

dominante: voluntariedade e mobilidade. Mas há um deslocamento dos referentes: na sociedade o eixo de referência é o "econômico-material", no futebol, o "afeto-ideal". A visão de mundo coerente oferecida pela classe dominante terá no futebol sua atualização concreta exercendo uma função de reforço , de um lado, e substitutiva, de outro.

Esse movimento compensatório, que atenua as tensões de classe, se sustenta por grupos antagônicos caracterizados, não pela dominação e submissão, mas pela vitória e derrota, nunca definitivas. Este caráter fugaz da vitória/derrota "é que orienta dialeticamente a 'insaciabilidade' que mantém vivo e fundamenta a existência do torcedor."<sup>24</sup>

O torcedor de um time, a despeito da arbitrariedade de sua eleição, se identificará com os demais torcedores de classe sociais divergentes. Neste contingente, o torcedor é portador de uma "transitividade da re-partição." "Como sua transitividade social é coibida " pelos lugares da produção segundo sua vontade, ele tem sua mobilidade voluntária em relação ao grupo a que pertence, separando-se, reagrupando-se, reintegrando-se sempre e sempre, à sua vontade, a transitividade social."<sup>25</sup>

Outro traço ideológico oferecido pelo futebol, segundo o autor, é o enquadramento do indivíduo na mesma área social dos que elegeram o mesmo clube. Este nivelamento social, por meio do time eleito, é percorrido apenas pelo "afetivo-ideal."

---

<sup>24</sup>Idem. *ibidem*: 53.

<sup>25</sup>Idem. *ibidem*: 53.

Em se tratando da seleção brasileira, alguns aspectos do futebol sofrem certas variações, como no caso da escolha do torcedor que não é arbitrária, mas motivada pela "naturalidade". Esta afasta o arbitrário e adquire um peso decisivo na escolha do torcedor. Os pólos antagônicos agora não são mais dois times, não se fala mais em classes sociais, mas em "totalidades homogêneas." "Fala-se em país ou região e não em classes sociais."<sup>26</sup> Sob a ótica do torcedor, apresenta a seleção brasileira uma diferença: "O grupo social a que este se associa é a totalidade da população de uma região ou um país, daí a costura das cisões, das diferenciações sociais."

Por fim, o autor apresenta uma relação de fetiche que ocorre entre torcedor e seu clube, "levando-o a fazer sua vitória ou a derrota, a glória ou a humilhação, o futuro brilhante, o poder imaginário de seu clube"<sup>27</sup>, sem que isso afaste o poder, visto que a periodicidade das derrotas ou vitórias não perdura definitivamente e nessa transição temporal instável cria a ilusão de tangenciar o poder aqueles que são dominados por ele, "horizonte do processo ideológico do futebol."

O segundo lugar em importância, pela quantidade de textos teóricos à nossa disposição, é ocupado pelos que entendem o futebol segundo a linha psicológica *lato sensu*.

Mas quantidade não significa qualidade e as associações mecânicas, o simplismo das equivalências e o historicismo em falso compõem muitas vezes um quadro de delírio teórico, já glosado humoristicamente pela crônica-crítica de Luis Fernando Veríssimo, que abre este capítulo.

---

<sup>26</sup>Idem. *ibidem*: 54.

<sup>27</sup>Idem. *ibidem*: 54.

Neste rol incluiríamos o artigo de Carlos Byinton<sup>28</sup>, que se confessa resumo de uma tese em preparo sobre o futebol.

Segundo o autor, seu artigo desenvolverá a seguinte tese: "a evolução do futebol está ligada à atividade do inconsciente coletivo na transformação da cultura, da mesma forma que nossos costumes populares, obras de arte, mitos, crenças e religiões". Pautado pela psicologia junguiana, o autor interpreta o campo, o gol, etc., segundo tal teoria.

Sua hipótese básica é que no matriarcalismo os conflitos eram resolvidos pela espada e pela guerra. O autor opõe a tal modelo o que chama de *mito messiânico*, que significa um tipo de padrão cultural, entendido pelo jogo da tese, antítese e síntese. No mito messiânico, os conflitos desaparecem na oposição tese/antítese, que renascem modificadas em cada nova síntese.

O autor discorre sobre isso, tentando respaldar historicamente a hipótese, a partir do Renascimento. Mostra como, nessa época, o futebol era um jogo revolucionário, ligado ao mito messiânico.

"O grande símbolo deste novo padrão é a cruz, que representa a entrega do homem total para a libertação de suas repressões que, transformadas e integradas, formam o mito da morte e da ressurreição do homem pleno, ou seja, do Antropos."<sup>29</sup>

"O Renascimento em nossa cultura européia representa mitologicamente a extroversão maciça do nosso Mito Messiânico, buscando transformar nossa relação com a natureza, o corpo e a

---

<sup>28</sup>Carlos Byinton. "Nos conflitos Simbólicos da Alma Coletiva". in **Em campo, futebol e cultura**, op.cit.: 28-47.

<sup>29</sup>Idem. ibidem: 32.

sociedade. Foi como se nossa cultura, depois de muitos séculos de intervenção e luto pela morte do Redentor, séculos estes que representam o sacrifício imenso de um cultura para redimir tudo o que foi massacrado durante um renascimento cultural".<sup>30</sup>

Em seguida, numa visão que poderíamos denominar de utilitarista, o autor aponta, ou melhor, estuda as várias funções desempenhadas pelo futebol.

Na função simbólica., assim como no teatro, os pés funcionam como catarse, pois lidam com emoções que pertencem à parte inferior do corpo.

A identificação emocional entre jogador e torcedor, e também a ruptura de tal identificação, significa uma "dissociação de mandalas". "O campo de futebol é uma mandala contida noutra que é o estádio. O fato de encontrarmos explicações imediatas para o campo e o estádio, qual seja a de abrigar jogadores e espectadores, não invalida em nada seu aspecto simbólico, como o fato de descobrirmos o papel do coração na circulação do sangue não invalida ser ele também um grande símbolo emocional."<sup>31</sup>

Na função pedagógica, o futebol seria uma das grande escolas de nossa cultura; é uma universidade popular do inconsciente coletivo, pelo treinamento da emoção o que se dá através do SELF. Opõe a isso, os métodos de ensino que se dão através do EGO.

"O futebol lida com emoções da maior importância, como por exemplo, a agressividade, a competição, a inveja, a depressão, o orgulho, a vaidade, a humilhação, a amizade, a rivalidade, o

---

<sup>30</sup>Idem. ibidem: 46.

<sup>31</sup>Idem. ibidem, p. 31.

fingimento, a traição e inúmeros outros. Podemos dizer que praticamente todas as emoções humanas podem ser objeto de elaboração, aprendizado e controle durante um jogo.<sup>32</sup> "Se concebemos a personalidade dentro do eixo EGO-SELF, onde o EGO regula o consciente com suas ações voluntárias e o SELF coordena os arquétipos para formar símbolos que orientarão inconscientemente a personalidade, nos damos conta, sem sombra de dúvida, que é o SELF ou Arquétipo Central que regula o amadurecimento da personalidade do espectador através do arquétipo do herói."<sup>33</sup>

As regras, na função ética, remetem para o jogo do bem e do mal, e o gol relaciona a consciência com o centro ("um jogo que aborda o próprio drama da vida lida dialeticamente com a polarização vida/morte, onde se enraíza a revelação do bem e do mal, fonte da função ética humana." - <sup>34</sup>

Na função sexual, "a criatividade popular costuma expressar esta conjunção de postos lançando mão de símbolos os mais diversos, inclusive da união sexual do homem e da mulher, saudando o gol com a expressão do orgasmo e fecundação para o nascimento de outro ser, exclamando: 'Balançou o véu da noiva!' Não confundamos as coisas. Este simbolismo é usado não porque o futebol seja uma prática sublimada de uma relação sexual como alguns poderiam dedutivamente explicar, mas porque o futebol, como o sexo, pode expressar o que há de mais profundo na vida."<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup>Idem. ibidem, p. 37.

<sup>33</sup>Idem. ibidem, p. 40.

<sup>34</sup>Idem. ibidem, p. 42.

<sup>35</sup>Idem. ibidem, p. 45.

Citamos exaustivamente para mostrar a extravagância teórica do autor que, não obstante, está supostamente apoiado na teoria junguiana e que terá também seus seguidores.

De outra qualidade, dentro deste mesmo item, é o livro de Buytendijk<sup>36</sup> que, entretanto, não se limita a examinar o esporte apenas do ponto de vista psicológico e se abre a outras esferas de interpretação.

Esse estudo se reveste de uma importância toda particular, na medida em que o fundamental ensaio de Anatol Rosenfeld, "O futebol no Brasil", segue-o em alguns pontos.

Retomemos um deles, que é a significação possível do esporte lidar com o arremesso da bola com os pés, em vez de utilizar as mãos.

Anatol alude à explicação psicológica de R.W. Pickford<sup>37</sup>, para quem a bola, no futebol, pelo fato de ser arremessada com os pés, representa "um símbolo paterno temível", se comparado, por exemplo, com a bola no rúgbi; aqui, a bola "carregada nos braços, é símbolo materno."

Ao lado dessa interpretação, Rosenfeld leva em consideração o encaminhamento de Buytendijk, descartando, porém, a problemática das interpretações psicanalíticas. Para ele, parece indubitável que o arremesso com as mãos se reveste sempre de um alto teor de amabilidade, sendo, portanto, mais civilizado do que o golpe com o pé; este tangencia sempre um ato de agressão, por mais flexibilidade que tenha o jogador ao "cuidar" da bola. Domado pela disciplina das

---

<sup>36</sup>F.J.J Buytendijk . *Le football une étude psychologique*. Paris: Desciée de Brouwer. 1952.

<sup>37</sup>*The Psychology of the History and Organisation of Association Football* in **British Journal of Psychology**, vol.31, II, 1940. *Apud* Anatol Rosenfeld. "O Futebol no Brasil". in **Argumento**, n. 4, fev. 1974.

regras do jogo, esse arremesso torna-se ainda mais agressivo por transferir aos pés (que "tratam" e "manipulam" a bola) a cultura das mãos.

Rosenfeld conclui que " esta ambivalência deve exercer um apelo extraordinário em culturas que, como as do Ocidente, reverenciam tanto o ideal da masculinidade - traço que no Brasil particularmente se realça".

Retomaremos, a seguir, alguns aspectos do ensaio de Buytendijk.

A partir do prefácio, ele externa a necessidade de um estudo sócio-psicológico que dê ao esporte uma orientação justa, na medida em que ele se tornou um fator de existência comunitária, exercendo uma influência decisiva sobre os juízos que se fazem das relações humana e das características sobre a escolha e utilização do lazer. Portanto, um esporte como o futebol tem importância não somente para os jogadores, mas também para os assistentes, canalizando certos impulsos, principalmente no estágio de formação de jovens (impulsos amigáveis ou hostis, egocêntricos ou generosos).

Tal direcionamento de impulsos segue as trilhas da disciplina do jogo, na qual a "moral" e o *fair play* constituem fundamentais ingredientes, o que numa certa medida, equilibra a "má vontade", em relação aos antagonistas, e a "concorrência", tão importante em nossa sociedade.

Não podemos deixar de notar que muitas dessas idéias foram desenvolvidas posteriormente por estudiosos do esporte.

As demais considerações teóricas de Buytendijk justificam-se, segundo ele, por três razões: a importância de desenvolver algumas concepções sobre a existência do homem, seu universo e ,

finalmente, os comportamentos que lhe são peculiares. O futebol funcionaria como "elemento concreto" e ponto de partida para tal reflexão.

Outra vantagem da escolha do tema, segundo ele, torna claro que certas perspectivas considerada ingênuas, e exploradas por psicólogos, solucionam melhor a relação entre a vida e o jogo, do que a postura erudita que vigorava em época precedentes.

Em segundo lugar, o ensaísta acha que o exame do jogo de futebol nos torna mais aptos a conhecer de modo mais preciso um tipo determinado de homem: o homem de nossa época (dos 6 aos 80 anos) que se interessa pelo esporte em questão, seja como jogador, seja com espectador.

A terceira razão para tal exame teórico baseia-se na natureza e importância desse "interesse", enquanto fenômeno sócio-psicológico.

Na verdade, o grupo dos 11 jogadores forma o centro duma zona de entusiasmo muitíssimo mais vasta do que o próprio interesse pela arte ou pela ciência, fato que o autor acha perfeitamente compreensível.

"(Cet intérêt) est plus général et plus puissant que l'intérêt pour le prix de la vie quotidienne, pour la paix mondiale ou la mort de neveux et nièces - pour ne pas parler des catastrophes naturelles et de la dissolution des parlements."<sup>38</sup>

Ora, tal futebol, "o verdadeiro", segundo o ensaísta, não tem muita relação com questões de saúde ou higiene esportiva, nem com aspectos pedagógico-sociais, e sim com o que podemos chamar de desdobramentos imaginários do jogo: os textos que enchem os

---

<sup>38</sup>FJJ Buytendijk, *op.cit.*: 16.

jornais, esmiuçando ocorrências esportivas, toda essa literatura de entusiasmos líricos, românticos ou épicos, ao lado de discursos radiofônicos que se pautam, às vezes, por um tom grave prosaico, técnico ou estatístico. Em suma, trata-se do futebol enquanto orgulho nacional ou culto dos heróis.

Sem dúvida alguma, existirá uma reciprocidade necessária entre esse "verdadeiro" futebol e o esporte considerado como atividade que diz respeito à vida dos jogadores e espectadores, ou o esporte na esfera dos interesses nacionais e internacionais.

No correr do ensaio, Buytendijk desenvolverá esses três pontos: o primeiro (o homem e seu mundo) revolverá as noções de liberdade humana (ao contrário do animal, que não pode escolher ser outro), em seguida as particularidades da bola e, por último, o sentido do arremesso com os pés.

Não resta a menor dúvida que, para a interpretação dos textos literários e os possíveis sentidos do *uso* do futebol enquanto tema (que é a minha proposta de tese), as várias hipóteses dos autores a respeito da forma da bola e de seu arremesso acenam com possibilidades interpretativas interessantes.

Ao contrário de algumas orientações psicológicas, que vêem na forma esférica uma *resistência* e uma *negativa à posse*, nosso ensaísta ressalta o *prazer* da percepção advinda de se apalpar a forma esférica, que não oferece nem resistência, nem surpresa: o caráter de fermeture, isso sim, oferece-se inteiramente à nossa mão de uma maneira completa, "toujours identique et parfait."<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup>Idem, *ibidem*: 24.

Quanto ao arremesso, Buytendijk cita poetas (Rilke, entre eles): o jogo de lançar e receber poderia ser, mesmo para a criança, o símbolo da divisão e da reunião, da ascensão e da queda, da dádiva livre e da recepção.

Descrevendo o poema de Rilke, diz-nos que, segundo o poeta, lançar e receber (as formas específicas de comportamento que a bola suscita) são equivalentes da postura do homem em relação à sua existência, de seu destino e de seus laços que o atam a todo adversário ou a todo aliado. Além disso, a bola que desliza brinca também com o jogador, pois responde ao impulso, sendo, portanto, uma grande descoberta cultural, pois desperta a atividade do jogador.

Quanto ao segundo ponto - o arremesso com os pés - o autor o associa à especial maneira de se viver a própria corporeidade e sua significação, tecendo considerações sobre as diferenças de postura masculina e feminina frente ao jogo como *naturais*, o que talvez, hoje merecesse discussões. O arremesso com os pés é "agressivo" e "masculino", além de comprometer a estabilidade corporal:

Un coup de pied et précis *peut donc prendre une forme acrobatique* qui est en même temps en accord d'une certaine manière avec le goût du risque auquel sont portés les hommes...<sup>40</sup>

Descartando a referência à "natureza masculina", grifamos acima a frase que, talvez, explique de um modo preciso as relações sempre estabelecidas entre o futebol e dança.

Por último, examinando as características sociais do esporte, o ensaísta observa que, em sua forma moderna, o futebol pode ser comparado às touradas e que nos excita do mesmo modo que a

---

<sup>40</sup>Idem, *ibidem*: 31.

música, graças a seu ritmo; ousa mesmo dizer que a excitação de um estádio repleto pode despertar a emoção que outrora despertou um drama de Sófocles, afirmativa que ecoa modernamente em muitos textos, como vimos, e que também levanta uma interrogação entre o futebol e o homem moderno.

Buytendijk tece considerações quanto ao último item no fecho de seu ensaio, opondo a civilização erótica e estética grega, com suas performances individuais nos Jogos Olímpicos, à nossa era, que inclui a massa, portanto o esporte coletivo, derivado da industrialização, do automatismo, etc.

A tal organização social o futebol tem algo a dizer com bom esporte que, no entanto, perde as próprias qualidade logo que se transforma em massa de manobra de interesses estranhos ao jogo, metamorfoseando-se num "pseudo-esporte". Além desses dados, o profissionalismo também contribui, segundo o autor, para deteriorar os fatores atribuídos ao futebol como acesso de conhecimento do homem moderno.

Esse estudo, que percorre um variado espectro de interpretações do esporte, de certo modo se assemelha à abrangente análise de Anatol Rosenfeld<sup>41</sup>, que nele em parte se inspira.

Retomaremos o ensaio do estudioso alemão ao tratarmos da relação entre futebol e nacionalismo, na medida em que Rosenfeld interpreta o esporte como uma espécie de espelho no tecido da sociedade brasileira, nele vindo a refletir ocorrências sociais de natureza vária; aparentemente acenando a uma superação de classes, o futebol é visto como na verdade reproduzindo os conflitos aí gerados.

---

<sup>41</sup>Anatol Rosenfeld. "O Futebol no Brasil". in *Argumento*, n. 4. fev. 1974.

Mais de um autor aludiu, como vimos, à relação do futebol com as várias artes. Examinaremos alguns textos que a esse respeito nos pareceram pertinentes.

Em primeiro lugar, futebol e cinema.

Num ensaio intitulado "Com o Cinema um Namoro que não deu certo"<sup>42</sup>, João Batista de Andrade mostra que as frustrações sociais e históricas regidas pela violência e o disfarce são compensadas pelo equilíbrio harmônico do futebol, isto é, um campeonato mundial compensaria simbolicamente a representação do Brasil enquanto nação forte, no quadro dos países colonizadores.

A função cinema-futebol, fugindo das interpretações oportunistas (o filme "Asa Branca" de Limonji, seja uma exceção) deve atuar, segundo ele, mais para uma reflexão da derrota do que de triunfo.

O autor sugere, além disso, uma função política no esporte (noção brechtiana) através da participação do espectador ; se este se identifica coletivamente com sua nação através do jogo, acaba por alienar-se. O cinema, enquanto arte, deve mostrar ao espectador a ineficácia desse "jogo" frente às mazelas sociais, às quais o autor identifica o futebol.

Por seu turno, Djalma Batista Limonji<sup>43</sup>, traçando uma espécie de percurso do erotismo por projeção, salienta a superioridade do cinema (força mental) em relação ao futebol (baseado na força física), mas ambos são relacionados pelo movimento e pelo desejo: "O

---

<sup>42</sup> In *Em campo, futebol e cultura*. op.cit.: 51-53.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*: 51-53.

Cinema gera a fantasia do século XX; o futebol, a integração das massas."<sup>44</sup>

O cinema cristaliza, através das divas, uma imagem de mulher; o futebol exerce papel semelhante no que se refere à modelagem da figura masculina. De maneira absolutamente rígida, o autor observa que disso nasce uma divisão nítida de consumidores: a mulher será o grande público do cinema, e o homem, do futebol. Isso porque o comportamento masculino produzido encontrou no futebol um espelho dessa masculinidade, ponto de apoio para se extravasar a emoção.

Mas no correr da história, a imagem tradicional do "machão" é abalada e desestabilizada por atores como Valentino e Gary Cooper, ratificada depois por Montgomery Clift e Marlon Brando: são machos indubitavelmente, mas têm a coragem de expor emoções como qualquer fêmea. Mais que isso, seduzem sem dissimulação, pelo tipo de roupa justa, andar, "caras e bocas, etc".

Segundo ele, daí por diante, o modelo masculino/feminino fica definitivamente abalado. Em relação às fantasias quanto aos papéis sexuais, os anos 80 já se instalam em plena crise e a rentabilidade do cinema é um fator multiplicador de fantasias, que atendem à demanda.

Os estádios agora também não representam mais "cerimoniais arcaicos masculinos, invadidos que são por mulheres e crianças, E também se erotizam "como as telas de cinema"<sup>45</sup>. Os jogadores funcionam como qualquer estrela.

---

<sup>44</sup>Idem. *ibidem*: 75.

<sup>45</sup>Idem. *ibidem*: 78.

"E seus deuses (jogadores) agora são tão cheios de maneirismos e artes de exibição, tão afortunados economicamente, tão codificadores de comportamentos sociais, tão 'personagens' e 'tipos' compostos nos mínimos detalhes - como qualquer estrela de cinema!".<sup>46</sup>

Cronistas, FIFA, cartolas tentam evitar manifestações eróticas dos jogadores e cantores em público, colocando-os "acima de qualquer suspeita."

No entanto, enquanto "deuses" dos meios de comunicação de massa dos jogadores e cantores desmontam "o mito puritano da repressão, em nome do produto rentável", ostentam "a beleza e o prazer do corpo e da inteligência."<sup>47</sup>

Limite tênue entre o atleta e o bailarino, o jogador de futebol pode, como qualquer antigo modelo feminino, fazer propagandas na TV, cantar, dançar, etc.; obedecendo também ao papel massificador da TV, não se distingue do homem da multidão, como as estrelas dos anos 80. (O autor cita Diane Keaton, por exemplo, pouco reconhecível no meio de uma dezena de mulheres americanas da classe média.<sup>48</sup>)

Limonji não vê nesses atletas, estrelas de primeiro plano, um elemento integrador ou exercendo o "ópio do povo", senão a curto prazo.

"A longo prazo, os rapazes do futebol significam muito mais, assim endeusados pelos meios de comunicação. Algo profundamente difícil de deter, reprimir ou subjugar: toda a fantasia de um povo. Ou seja, a

---

<sup>46</sup>Idem. ibidem: 78.

<sup>47</sup>Idem. ibidem: 78.

<sup>48</sup>Idem. ibidem: 79.

visualização de um sonho, de um desejo inconsciente: sua capacidade de mobilização num sentido puramente lúdico e de prazer desta fantasia..."<sup>49</sup>

Por último, o autor fala de seu filme "Asa Branca", segundo ele, despojado de qualquer ufanismo. Ele procura no jogador de futebol "todos seus elementos desnorteadores, provocativos, inesperados e inconformistas."<sup>50</sup> Não interessou ao ensaísta o esporte enquanto disputa, mas esses elementos latentes na figura do jogador, pois tais elementos atingem a fantasia, que é a verdadeira matéria do cinema.

A única reflexão mais específica sobre futebol e música é a de Gilberto Mendes<sup>51</sup>.

O autor afirma que a única música erudita que, no Brasil, tem relação com o futebol é a sua, enquanto que outros países celebram musicalmente seu esporte preferido; usam-no como tema formal.

Mas a música tem relação com o esporte, porque "O jogo envolve a problemática do aleatório, cara à música do nosso tempo."<sup>52</sup>)

Gilberto Mendes não pretendeu compor uma música dividida "entre dois grupos instrumentais" em disputa, como referente mais direto de uma partida de futebol "dentro de um plano aleatório".<sup>53</sup> A estrutura básica da peça musical de sua autoria cria "um contraponto a 3 vozes de 'speakers' irradiando um jogo."<sup>54</sup>

---

<sup>49</sup>Idem, ibidem: 80.

<sup>50</sup>Idem, ibidem: 80.

<sup>51</sup>Gilberto Mendes. "Santos Football Music" in *Em Campo, Futebol e Cultura*, op.cit.: 63-66.

<sup>52</sup>Idem, ibidem: 60.

<sup>53</sup>Idem, ibidem: 64.

<sup>54</sup>Idem, ibidem: 64.

O autor descreve em detalhes a estrutura musical, usando todos os dados de uma partida de futebol: participação do público ouvinte, como se fosse o estádio todo torcendo, uma charanga que toca no meio do público, a batucada da torcida; "...no final há uma interrupção da música, como a interrupção de um jogo, apitada pelo regente, que se transforma em juiz"; como acontece no teatro musical, que incorpora a dança, há uma pequena partida de futebol representada pelos músicos, acontecendo um penalty; por último, há o som concreto de uma partida, gravada em fita magnética.

O autor posiciona-se contra o futebol enquanto atividade profissional, pois "a prática artística e esportiva deve ser uma atividade amadora".

Em relação a futebol e teatro, embora sejam vários os textos e frequente as referências, escolhemos um ensaio de Luiz Eduardo Soares, intitulado "Futebol e Teatro, Notas para uma Análise de Estratégias Simbólicas"<sup>55</sup>, por examinar especificamente tal relação.

O substrato básico do ensaio de Luis Eduardo é aferir os pontos de encontro entre o futebol e o teatro, assinalando em cada um a função simbólica que acarreta para os espectadores.

O ponto de partida dessa homologia ou desse espelhamento futebol/teatro surgiu para o autor de um termo comum usado por ambas as atividades: "concentração." Também a noção de "máscara" transita por esse dois universos, guardando, como o termo "concentração", diferenças significativas.

Sem nos determos na minúcia descritiva do autor, assinalamos como estratégia comprobatória de sua tese, a concentração que,

---

<sup>55</sup> In *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1979: 1-23

segundo ele, cumpre "as exigências formais caracterizadoras das duas primeiras fases de um rito de passagem: separação e liminaridade."<sup>56</sup> No futebol, os jogadores são afastados do seu cotidiano, da vida social e do contato com seus familiares, para que se preservem de qualquer possível contaminação que venha a interferir no bom desempenho esportivo.

Essas duas fases do rito de passagem cedem à terceira, que consiste em "renascimento e reagregação social"; quando os jogadores entram em campo, assinam a súmula e, em conjunto com a torcida, no caso de partidas internacionais, cantam hinos; em seguida, em "homenagem póstuma, se respeita um minuto de silêncio."<sup>57</sup>, rompendo-se a liminaridade e a segregação ao final, quando se dá lugar a uma coesão social. Há uma suspensão fugaz do rito quando "o início do jogo instaura a fundação de um novo estágio liminar."<sup>58</sup> O espaço do campo, fixado por quatro linhas, interdita qualquer comunicação dos jogadores com o exterior, durante o tempo da partida. Finda esta, que, segundo o autor, é "um rito de passagem encaixado, engavetado em outro"<sup>59</sup>, completa-se o desfecho ou a terceira fase do rito: os jogadores retornam às atividades normais e passam a compartilhar, como cidadãos comuns, da vida cotidiana. Se o evento tem um caráter excepcional, como decisões de campeonatos, o início da reagregação é "a troca de camisas." Isto revela o fim da liminaridade, abrindo brechas para a invasão de curiosos e populares. Em certos certames decisivos, a reagregação culmina num verdadeiro

---

<sup>56</sup>Idem, *ibidem*: 5.

<sup>57</sup>Idem, *ibidem*: 6.

<sup>58</sup>Idem, *ibidem*: 6.

<sup>59</sup>Idem, *ibidem*: 17.

carnaval: "integração total, demarcação das posições sociais hierarquizadas e vivência de uma comunhão ideal", com a participação, inclusive, dos torcedores."<sup>60</sup>

No teatro, a "concentração" apresenta aspecto e intenções semelhante aos do futebol. Três estratégias são usadas pelos diretores como precauções para o bom desempenho teatral.

O elenco deve viver em perfeita harmonia, num clima fraternal, que possibilite a coesão grupal de entrega aos interesses coletivos. Segundo depoimentos recolhidos pelo autor, esta segregação possibilita, aos atores, a emergência da "verdade interior", requisito indispensável ao bom desempenho do espetáculo. Contudo, o desligamento absoluto com a sociedade não ocorre, apresentando uma variante em relação ao futebol.

Em oposição à primeira, a segunda estratégia recusa a rigidez que o ator deve introjetar na personagem representada e postula a inevitável transitividade entre problemas pessoais e atuação. Não há, porém, entre a vida cotidiana do ator e teatro uma troca sem limites. "Nega-se o emprego de materiais de cena, figurinos e cenários" em favor "de uma 'escrita automática' do corpo e da voz, em 'liberdade'."<sup>61</sup>

A terceira estratégia não exige o "isolamento físico" do ator nem o desligamento social, mas requer, no momento da interpretação, "vestir as máscaras exigidas", ou seja, desligar-se absolutamente da vida social em função da personagem interpretada.

---

<sup>60</sup>Idem. ibidem: 8.

<sup>61</sup>Idem. ibidem: 9.

Segundo o autor, apesar da divergência entre estas três posturas, "todas pressupõem um elemento invariante: a ruptura com a vida social cotidiana e a instauração de um estado liminar."<sup>62</sup>

A liminaridade permanece em ambos os espetáculos durante sua decorrência. Há diferenças que marcam a especificidade de cada espetáculo, mas que não anulam seu caráter básico liminar entre jogadores/atores e espectadores. A delimitação espacial, o campo e o palco, define sem ambiguidade a posição a que deve estar submetida a platéia. Se há invasão de territórios, quer do ator para a platéia e vice-versa, quer aconteça o mesmo no futebol, isto se dá em situações de exceção, mas não sem constrangimentos e mal-estar, o que é bastante sintomático de que a liminaridade sofreu uma ruptura e que sua integridade deve ser mantida.

No futebol, isto se evidencia na expressão "jogador mascarado" que, segundo os entrevistados pelo autor, é o jogador que faz muita coisa que não serve para o próprio futebol, muita coisa para a platéia (...) que não joga para o time." "A relação principal é jogador-jogador e não jogador platéia."<sup>63</sup> Fica vedado, portanto, ao jogador de futebol dar expansão à sua emoção, porque, "está em cena" num jogo cuja meta é o gol e não a "atuação" individual, o que caracteriza, como vimos, um "mascarado."

No teatro, por outro lado, o fundamental é dar expansão emotiva, que pressupõe o envolvimento da platéia. Externar as emoções é requisito do teatro, que estabeleceria "a relação ator-público em

---

<sup>62</sup>Idem. *ibidem*: 10.

<sup>63</sup>Idem. *ibidem*: 17.

detrimento da relação ator-ator, e permitiria posturas arbitrárias."<sup>64</sup> Mas isto não quebra a liminaridade teatral, pois a transmissão das emoções por parte dos atores está em função do desempenho e conteúdo da peça, sua ação junto ao público é indiferenciada, sem qualquer intencionalidade subjetiva do ator. Quando há a sedução intencional do público é o que, em teatro, é denominado de "roubar a cena", que nada mais é do que atrair para si a atenção da platéia."

A máscara, segundo o autor, parece ser um elemento comum entre futebol e teatro. Neste, por razões intrínsecas ao próprio espetáculo, ao substituir o ator a sua personalidade pela da personagem. No futebol, quando o jogador joga para a platéia e não para o seu time. Conclui-se, então, que tanto no teatro quanto no futebol, todos "atuam", uma vez que a liminaridade os coloca em estágio de suspensão da vida social e cotidiana.

Trabalhando, ainda, com a noção de máscara, o autor revela que a associação ao homossexualismo que se faz das figuras do goleiro, do juiz e do ator é proveniente do caráter ambíguo que ocupam, próximos que estão da ambiguidade da máscara.

A nossa sociedade sente dificuldade em assimilar comportamentos ou postos que não se fundam na clarividência retilínea. O ator se presta a essa associação, porque "diante do espelho, preparando para o espetáculo, há uma divisão, uma bipartição."<sup>65</sup>

Quanto ao goleiro, sua posição em campo foge ao comportamento dos demais jogadores: "Ele pisa a fronteira da liminaridade - no sentido literal e metafórico -, uma vez que fica fixo sobre uma das 4

---

<sup>64</sup>Idem, *ibidem*: 17.

<sup>65</sup>Idem, *ibidem*: 18-19.

linhas que define o campo em jogo, aproximando-se dos que estão fora, sem deixar de estar dentro."<sup>66</sup> É o que conversa com o técnico, joga com as mãos, dá instruções aos companheiros de jogo, é dependente, na opinião da torcida, da sorte ou do azar, etc.

O juiz é uma figura também ambígua, pois coloca-se em campo como uma personagem que é "um pouco público e um pouco jogador, vê a partida e interfere no jogo, corre com os jogadores, mas não joga, ao contrário, seu corpo é considerado zona neutra, o que transforma o ser onipotente num fantasma invisível ou transparente."<sup>67</sup>

Em outubro de 1995,<sup>68</sup>J. Sérgio Leite Lopes analisa em seu ensaio bibliográfico *Esporte, Emoção e Conflito Social*, a obra de Norbert Elias e Eric Dunning<sup>69</sup>. O ponto principal destacado é a homologia entre a criação da *corte* no século XVI e a do *futebol*, no século XVIII, como instituições fundamentais do processo de civilização do homem ocidental. Ambas funcionam mediante regras disciplinadoras que transformam a violência real em violência simbólica. Um aspecto a ressaltar diz respeito à historicização do esporte defendida por esses autores, pois argumentam que o esporte moderno não tem uma "genealogia de longa duração" desde os gregos, astecas ou europeus da Idade Média. Ao contrário, haveria uma ruptura "representada por essas novas práticas, que vão no mesmo sentido das transformações

---

<sup>66</sup>Idem. *ibidem*: 19.

<sup>67</sup>Idem. *ibidem*: 19.

<sup>68</sup>*Estudos de Antropologia Social*, vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>69</sup>*Sport et civilisation : la Violence Maîtrisée*. Paris: Fayard.

nos comportamentos e nas sensibilidades que caracterizam o 'processo de civilização' ".<sup>70</sup>

Como conclusão, pode-se afirmar que os textos mais consequentes que abordam esse tema são aqueles que o examinam sob a luz político-ideológica, levando em conta a inserção do futebol na esfera histórico-social e econômica de nossa sociedade. Um exemplo: foi historicamente documentada que a prática amadorística do futebol em seus inícios contaminou-se com interesses lucrativos, incluindo-se subornos e manipulações. Em pouco tempo, o futebol amador "existia" como mera formalidade.

Desse ponto de vista, não podemos concordar com a posição de Meihy que, apesar da lucidez analítica, critica o peso que o profissionalismo ganha nas análises. "Futebol não é só isso", afirma ele, e as variadas análises particulares a que aludimos, lhe dão razão. Mas elas por si só não se sustentam, e observamos de saída como Veríssimo brinca com seus pressupostos. Na verdade, será o peso do futebol profissional o que determinará uma compreensão mais abrangente desse esporte, enquanto incluído no corpo social.

A análise histórica nos prova esse estado de coisas, pois leva em consideração particularidades do modelo brasileiro no quadro mais amplo do capitalismo. Como a de Anatol Rosenfeld, que lerá mais consequentemente, de meu ponto de vista, esse texto cambiante.

À medida em que os textos selecionados forem sendo analisados essa análise se delineará com mais clareza neste trabalho.

---

<sup>70</sup>Idem, *ibidem*: 144-145.

## **O JOGO DOS TEXTOS**

## JOGO NOBRE JOGO POBRE

Os primeiros textos sobre o futebol refletem antes de tudo matizes ideológicos de cada autor, talvez por seu caráter de objeto novo em folha, não fazendo parte do elenco dos temas literalizados. Numa palavra, não tinham tradição literária. Peter Brook<sup>71</sup>, em uma entrevista a um jornal espanhol, coloca o futebol em instâncias de equivalência às produções artísticas de dimensões universais: "Para mí el teatro nos és el terreno para mostrar una ideologia, sino un lugar de búsqueda y creacion de energia positiva. És como el fútbol: produce movimiento y crea energia."

Outro exemplo, apenas para confirmar, hoje, como tema universal em obras literárias, é o romance de Peter Handke, *O medo do goleiro diante do pênalti*, além de *O mundo na bola do futebol*.<sup>72</sup> Mas no Brasil, seu aparecimento apresenta contradições de várias ordens.

Desde o início de sua história entre nós, como mostra cabalmente Anatol Rosenfeld em seu ensaio "O futebol no Brasil"<sup>73</sup>, o esporte vem carregado de contradições ao se inserir na sociedade brasileira. Circunscrito no âmbito dos interesses das camadas ricas e dos que cooptavam e produziam a ideologia de *Belle Époque*, o futebol, transposto da Inglaterra por Charles W. Miller, "um brasileiro de

<sup>71</sup> In *El País*. Madrid. viernes /12 julio. 1985.

<sup>72</sup>Peter Handke. *O Medo do Goleiro diante do Pênalti* (trad. Zé-Pedro Antunes). São Paulo: Brasiliense. 1988.

<sup>73</sup>Traduzido por Modesto Carone e estampado na revista *Argumento*. Foi republicado em 1993 pela editora Perspectiva de São Paulo.

origem inglesa"(Rosenfeld), guarda todos os matizes do local de seu surgimento, preservando, desta forma, os caracteres fundamentais da nobreza britânica. O modelo esportivo, ao ser importado para o Brasil, importa também seu modelo de classe no interior da comunidade esportiva brasileira.

"Enquanto foi cultivado essencialmente pelas camadas superiores da juventude e, como consequência disso, pôde conservar seu caráter puramente amador, ele fez parte, de forma comparável talvez ao tênis atual, das competições frequentadas pela 'boa sociedade' e preferido sobretudo pelo elemento feminino. (...) De forma semelhante aos torneios da Idade Média, de que só podiam participar cavaleiros cuja origem nobre podia ser provada por quatro gerações, os primeiros jogadores do Paulistano (e com maior razão seus dirigentes) eram predominantemente 'paulistas de 400 anos'- paulistas 'May Flower'de ascendência tradicional."<sup>74</sup>

Hoje, tendo a vantagem do distanciamento histórico e dos processos inumeráveis pelos quais passou o nosso futebol, isto tudo soa como uma excrescência dentro do quadro social brasileiro da época, pois o esporte faz parte inteiramente da cultura do país. Como sintoma desta situação inicial do futebol no Brasil e sua representação na literatura, podemos mencionar o poema "O Salto" de Anna Amélia dedicado ao goleiro Hélio Mendonça, posteriormente seu marido. O poema, como se verá adiante em análise mais detalhada, se enquadra na atmosfera parnasiana, incorporando não só os ideais decadentes da literatura em voga como também aquele modelo britânico importado.

---

<sup>74</sup> Idem. *ibidem*.

As expectativas oferecidas com o advento do futebol entre uma parcela de intelectuais e a classe dominante do novecentos viriam ao encontro, num ajuste ideológico, ao que aqui se produzia, seja do ponto de vista estritamente literário, seja da ótica da vida literária. Aliás, a distinção entre uma e outra torna-se quase impossível tantas eram as influências recíprocas. A futilidade, a literatice, a vida boêmia dourada dos salões, o cultivo da originalidade como simples forma de distinção social, o esnobismo, as afetações de elegância, tudo isto, cultivado numa pequena roda de mundanos, prepara sem estranhamentos e choques, a chegada triunfal do futebol que, por sua origem nobre, é mais um ingrediente a corroborar com a salada ideológica reinante. A precedência britânica do futebol já tinha cama pronta. Bastava levantar as cobertas e se acomodar nos lençóis dos privilégios minoritários. A importação dos costumes e comportamentos ingleses já se alastrava no dia-a-dia, constituindo mesmo uma rotina, como estudou minuciosamente Brito Broca no seu clássico livro, cujo trecho citado abaixo ilustra bem o quadro que resumi acima: "Aliás, o café já não se prestava ao ritual dessa camada superfina; teremos o advento do chá, não aquele chá pacato e familiar tomado à noite, no âmbito dos casarões patriarcais, mas servido às cinco da tarde com a designação britânica de *five o'clock tea*. 'O Rio civiliza-se' - não se cansava de apregoar Figueiredo Pimentel no *Binóculo*. 'O chá civiliza-se ... tal qual o Rio', lemos no *Fon-Fon* (15-6-1911). E o progresso continua, como se lê no potin: não se contentando com o simples rótulo em inglês, o chá nos dias remotos de 1911 passa a anunciar-se desta forma: 'Five o'clock tea ... chez Madame X'.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Brito Broca. *A Vida Literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1960.

Que espécie é essa de chá evoluído, cuja nomenclatura deslocada transforma-o em mais um produto brega-chic? A própria revista logo em seguida nos elucida: é "o pretexto, a intenção benevolente para a elegância de reuniões de escol, da delícia da palestra sussurrada, em tête-a-tête, numa sala aromada de hortências, iluminada a eletricidade, cheia de mulheres lindas".<sup>76</sup>

Os primeiros textos sobre futebol refletem um traço da História: ela não é nem cronológica nem cíclica, é o aprimoramento da crueldade, pois faz lembrar a composição das classes e o lugar desses executores em uma sociedade.

Dito isto, passo agora à análise dos textos, que, de forma vária, acolhem no interior de sua forma e conteúdo os matizes ideológicos que insuflaram essa literatura inspirada no futebol.

## *JOGO NOBRE*

### O S A L T O

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético,  
Serenos, forte, audaz como um vulto da *Iliada*,  
Todo o meu vibrou num ímpeto frenético,  
Como diante de um grego, herói de uma *Olimpíada*.

Estremeci fitando esse teu porte atlético,  
Como diante de Apolo estremece a *driada*.  
- Era um conjunto de arte esplendoroso e poético  
- Enredo e inspiração para uma *heliconíada*.

No cenário sem par de um pálido crepúsculo  
- Tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo  
Por entre as aclamações da massa entusiástica.

---

<sup>76</sup>Idem. *ibidem*.

- Como um deus a baixar no Olimpo, airoso e lépido  
Tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,  
Belo na perfeição da grega e antiga plástica<sup>77</sup>.

O soneto "O Salto", de Anna Amélia C. de Mendonça, incluído no livro *Alma* (1926), trata talvez da primeira mulher a cuidar do tema do futebol na literatura brasileira. O registro poético do soneto enquadra-se epigonicamente aos gestos e tiques da estética parnasiana e denuncia, por isso mesmo, em seus recursos técnicos, um formidável anacronismo literário. Afinal já quatro anos eram decorridos da Semana de Arte de 22!

Visto o poema em conjunto, o título carrega toda a sua temática. O soneto recorta um instantâneo, em detalhe, de uma partida de futebol, o salto. O desenvolvimento em seus catorze versos acompanha a trajetória do goleiro desde seu impulso inicial em direção à bola até sua queda final no chão. Há, portanto, nessa plástica descritiva, o itinerário semi-circular percorrido pelo goleiro. O estremecimento erótico, provocado pelo gesto "heróico" do atleta, acompanha o lance do jogo e cria um contraste entre a moldura apolínea do soneto - a expressão e construção rígidas do parnasianismo e a perfeição do salto em imagem escultural - e a reação direta do corpo sob o impulso erótico do "eu". Trata-se agora de ver a qualidade dessa construção.

#### O salto precioso: a receita parnasiana

Os versos do poema são todos construídos em alexandrinos clássicos e obedecem à estruturação que exige dois hemistíquios hexassílabos com cesura obrigatória na 6ª sílaba. Segundo o *Tratado*

<sup>77</sup>Apud Milton Pedrosa. *Gol de letra*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Gol, 1968.

de *Versificação* de Bilac e Guimarães Passos, "quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave, a primeira palavra do segundo deve começar por vogal ou por um h". Esta exigência técnica é escolarmente obedecida nos versos 4o, 5o, 6o e 7o.

Outra lei do alexandrino clássico preconizada pelos autores consiste em que "a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante". Todos os demais versos (1o, 2o, 3o, 8o, 10o, 11o, 12o, 13o e 14o) apresentam no primeiro hemistíquio palavras agudas em estrita obediência ao cânone parnasiano.

Com exceção do verso 8o, a contigüidade acentual segue o modelo previsto pelo alexandrino clássico. A quebra do ritmo se dá no verso oitavo, pois o segundo hemistíquio constrói-se com acento forte apenas na 12a sílaba poética e o primeiro hemistíquio ordinário; ora, nesse verso de ritmo quebrado surge um neologismo destoante do conjunto que, por seu turno, funciona como vitrine a expor uma mercadoria rara que aponta um procedimento estético *kistch*, em consonância à sensibilidade semiculta da burguesia a quem era dirigida a produção literária neoparnasiana.

O esquema rímico recorre, no poema, a aspectos precisos dificilmente encontráveis até mesmo nos parnasianos mais fervorosos.

Fazendo um sumário dos esquemas básicos, de uso em língua portuguesa, verifica-se a predominância de rimas graves ou femininas. Tal presença maciça é facilmente explicável por constituir o nosso léxico um maior índice de palavras graves com segmentos

paroxítonos. A ocorrência de rimas agudas ou masculinas decresce em proporção direta ao número de palavras agudas com segmentos oxítonos. O emprego de rimas exdrúxulas é raro entre os nossos poetas pela mesma razão de escassez de palavras com segmentos proparoxítonos.

Interessa aqui, em razão do poema "O Salto", o esquema rímico com palavras esdrúxulas. Em seu emprego, além de raro, poucas são as vezes em que ocorre a reiteração com segmentos. O preciosismo rímico não incide apenas na tonicidade de todas as palavras que o compõem. A reiteração fônica, em rima soante, realizada em perfeita homofonia, é total a partir da última vogal forte, sendo por isso aliterantes.

As palavras dos quartetos, em rimas alternadas (ABAB), assinala uma simetria perfeita na distribuição das categorias gramaticais. Às rimas alternadas alternam-se adjetivos e substantivos: atlético/Iliada; frenético/Olimpiada; estético/driada; poético/heliconiada.

\* \* \*

O futebol, enquanto tema do poema, poderia acolher um desvio estético-semântico em relação ao conjunto da produção poética com veleidades parnasianas. Contudo, se se leva em conta o desenvolvimento do futebol no momento da publicação do livro *Alma*, em 1926, verifica-se que o soneto acolhe-o por ser ainda um esporte de pouca representatividade popular; ao contrário, acha-se enquistado em uma elite e funciona como emblema de bom tom da classe que representa.

O levantamento dos recursos técnicos do poema poderia sugerir uma estreita relação com o tema do futebol. O ritmo, contudo,

obedece simplesmente ao ramerrão desgastado e chocho sem qualquer funcionalidade interna, sem qualquer elemento ondulatório que acompanhe a flexibilidade do gesto atlético descrito. É mais um ritmo seco e martelado que aprisiona o movimento do que a sugestão de elasticidade e desenvoltura em consonância com o salto; em que pese a intenção semântica de movimento e agilidade nos adjetivos airoso, lépido, intrépido, permanece a sensação visual de uma estátua grega plantada em museu, modelada em mármore baço por um escultor inábil no manejo de seu cinzel. A reiteração absoluta em todo o soneto das rimas esdrúxulas e aliterantes cria uma atmosfera paralizante por meio da monotonia fônica.

As rimas em B, que se realizam nos quartetos, constituem-se de substantivos e a par disso todos se revestem de uma grandiloquência grega. 'O advento do futebol e a intensificação da prática dos esporte no Brasil, na primeira década do século, começaram logo a ser encarados pelos escritores mais apegados à Grécia, pelo prisma helênico".<sup>78</sup>

A representação do futebol é mínima no poema. O que fica é o esmeril artesanal afogado numa estética limitada, cujo correlato social se caracteriza pela cena descrita no poema: a imagem que predomina do salto é o instante de suspensão do goleiro no ar. A direção que toma é social e literariamente regressiva, ou pelo menos nostálgica, de uma faixa de nossa burguesia.

O sensualismo grosso que percorre o poema - que se esgota num frisson - não chega a ser uma variante lírica do sujeito que contempla a cena. É uma mera correspondência mecânica à vibração muscular

---

<sup>78</sup> Brito Broca, *op. cit.*

do goleiro. Contrário à observação de que o bom poeta parnasiano aproxima-se do simbolista, em que o erotismo assume feições delidas, este soneto derrapa numa contemplação de puro gozo carnal, sem qualquer transcendência poética, ou elevação do espírito.

O poema pode ser considerado um pormenor destacado de toda a partida de futebol. Com exceção da referência à platéia "entusiástica", o salto do goleiro é anódino no gesto isolado; não pressupõe a sequência de um lance do jogo capaz de incluí-lo numa totalidade. Funciona de modo semelhante a fotos modernas de pintura em que se ressalta apenas um detalhe do quadro sem correlacioná-lo organicamente ao mundo representado.

O salto é a imagem estrutural que ordena a compostura da classe que o representa: a curva aérea do salto é a estrutura perfeita de sua representação. O que fica, preso a uma estética semelhante a sua ideologia, é menos o futebol do que a classe que representa.

## *JOGO POBRE*

Se a autora de "O Salto" compreende o futebol apenas restrito à classe dominante, os outros textos já surpreendem o esporte num outro momento, significando uma nova prática. Houve na verdade uma lenta democratização do futebol que pouco a pouco ganha espaço entre as camadas não privilegiadas. Tal democratização não significa entretanto que não tivesse sido inspirada também por interesses econômicos. O ensaio "O Futebol nas Fábricas"<sup>79</sup>, de Fátima M.R.F. Antunes explora justamente esse aspecto, destacando a formação dos clubes de fábrica, a visão dos empresários, a relação do futebol com o jogador-operário e a profissionalização do esporte desses clubes. Incentivado pelos empresários, houve um momento em que os empregados eram operários e jogadores<sup>80</sup>. As vantagens desse procedimento eram muitas : a propaganda dos produtos, na medida em que o jogador-operário vestia a camisa da fábrica; a domesticação dos corpos para o trabalho e fortalecimento do sentimento de grupo, com a consequente identificação dos operários com as fábricas, aspecto já aludido de maneira extramente irônica por Lima Barreto e discutido por Anatol Rosenfeld, em seu famoso ensaio.

Examinaremos em seguida alguns textos dos autores que se ocupam desse momento.

---

<sup>79</sup> In *Revista USP* n. 22. São Paulo, junho/julho/agosto 94.

<sup>80</sup> Aludirei a isso quando tratar do conto de Monteiro Lobato. "O 22 da 'Marajó'".

# 1 - LIMA BARRETO

## Feiras e Mafuás

### Bendito *Football*

(data: 1-10--1921 - pp. 93-97)

Neste artigo, Lima Barreto arrola com grande sarcasmo algumas supostas vantagens, evidentemente desvantagens, no exercício desse esporte para a nação brasileira. Tentarei responder no final por onde passa a qualidade desse tom ácido e amargurado.

Em primeiro lugar, o futebol estaria a serviço de privilégios, como por exemplo a notoriedade de personalidades obscuras e mediócras que, sem esse recurso, não teriam qualquer destaque nas colunas dos jornais: "Um deles, ( dos privilégios), se não o primordial, é ter trazido, para notoriedade das páginas jornalísticas e das festanças e regabofes dos Césares destas bandas, nomes de obscuros cavalheiros, doutores ou não, sequiosos de glória, que, sem ele (o futebol), não teriam um destaque qualquer, fosse de que natureza fosse."<sup>81</sup>

Em seguida Lima Barreto faz uma observação que curiosamente coincide - em tom diverso - com a de Anatol Rosenfeld : os trabalhadores necessitariam de um preparo físico, e de segurança e perfeição no desempenho de suas profissões, o que seria garantido pelo futebol. Essas atividades são arroladas de maneira absolutamente zombeteira, chegando à denúncia de funções pouco canônicas, como os profissionais "do desvio", cujo desempenho o futebol supostamente ajudaria.

---

<sup>81</sup>Lima Barreto. **Feiras e Mafuás**-S. Paulo: Brasiliense,1956 : 93.

Dentre os profissionais enumerados constam os seguintes: caixeiros de bancos, empregados em lojas comerciais, funcionários públicos, estudantes e os famosos e já citados profissionais do "desvio". O exercício do futebol oferece-lhes " 'poderosos extensores', 'pediosos', 'perrôneos', 'tibeas', etc., " <sup>82</sup>

Na sequência, e segundo o mesmo raciocínio escarminho, afirma que o futebol promove também a rivalidade entre os bairros da cidade e a divisão política do Brasil, tudo isso graças a "apostas belicosas e rancorosas". <sup>83</sup>

Lima Barreto chama a atenção para a rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro. "O football é eminentemente um fator de dissensão." <sup>84</sup> Dissensão que se refere também a outros aspectos, por exemplo, o da cor.

Essa afirmação provém da seguinte situação: o Brasil preparava um selecionado nacional para jogar na Argentina. Os responsáveis pelo time reuniram-se "em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro - homens de cor enfim." <sup>85</sup>

O escritor observa que o mesmo procedimento era realizado pela Igreja por meio de um "processo de puritate sanguinis."

No caso da escolha dos candidatos ao sacerdócio, há claramente uma atenuante na interpretação de Lima Barreto quanto ao preconceito de cor, sob dois argumentos: primeiro, a seleção diz respeito apenas ao ingresso nas fileiras sacerdotais; o segundo

---

<sup>82</sup>Idem. *ibidem*, p. 93.

<sup>83</sup>Idem. *ibidem*, p. 94.

<sup>84</sup>Idem. *ibidem*, p. 94.

<sup>85</sup>Idem. *ibidem*, p. 94.

baseia-se na definição dos *craques* : "o sacerdote é o intermediário entre Deus e os homens; um futebolesco, o que é? Não sei."<sup>86</sup>

Incapaz de resolver a questão, "O Sacro Colégio do Football se dirige em consulta ao presidente da República." Habitado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que devem comparecer à recepções do palácio, o *papa*, isto é, o dito presidente, houve por bem que os jogadores negros não figurassem no selecionado por comprometer a imagem do país no estrangeiro, já que se tratava de uma representação nacional.

Antropólogos ("grandes inteligências arianas e ilustres desconhecidos") foram acionados para examinar os jogadores. Segundo Lima Barreto, "a providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente, causar desgosto, mágoa e revolta; mas - o que se há de fazer?"<sup>87</sup>

Prossegue afirmando que, paradoxalmente, as subvenções, que garantem a manutenção dos clubes de futebol, provêm de impostos pagos também pelos negros. Admira-se Lima Barreto que os tesoureiros não se importem com a origem do dinheiro. O sarcasmo atinge o seu máximo quando percebemos que a solução que propõe "para resolver esse congesto estado de coisas" é calcada em **A Modest Proposal** de Swift. Obedecendo à sua lógica radical, o escritor defende a idéia de que as verbas destinadas às populações pobres do Brasil, vitimadas por toda sorte de moléstias, deveriam ser dispendidas ao futebol. Agindo desta forma, o governo brasileiro

---

<sup>86</sup>Idem. *ibidem*. p. 94.

<sup>87</sup>Idem. *ibidem*. p. 95.

solucionaria dois problemas: eliminaria a pobreza no Brasil, concentrada principalmente nos negros, uma presença incômoda - o futebol teria, portanto, sua garantia econômica - e, ainda, os futeboleiros não teriam a necessidade de justificar a procedência do dinheiro que tem "a tísica e o estigma de origem".

"O governo, procedendo assim, seria lógico consigo mesmo. Ilógico é querer conservar essa gente tão indecente e vexatória, dando-lhes médico e botica, para depois humilhá-la, como agora, em que a honra do football regenerador da raça brasileira, a começar pelos pés."<sup>88</sup>

A vingança dos brasileiros está em que os argentinos "não distinguem, em nós, as cores"<sup>89</sup>; somos designados por eles como macaquitos. A forma de nos livrarmos deste estigma seria contratar alguns jogadores ingleses "que nos representassem nos encontros internacionais de football".<sup>90</sup>

Esse raciocínio é a última volta do parafuso. Através dela os ingleses são reconduzidos a seu lugar de honra nesse esporte tornado brasileiro.

Embora haja outros textos em **Feiras e Mafuás**, assim como em **Bagatelas, Marginália**, etc, este que acabamos de resenhar resume a posição do escritor em relação ao tema. Os argumentos, sempre irônicos e demolidores, moem e remoem as mesmas ponderações, constituindo-se na voz mais eloquente contra o futebol. Não faz mal observar que essa crítica feroz também inclui ingredientes desestabilizadores, à semelhança do que Arnoni Prado<sup>91</sup> observa em

<sup>88</sup>Idem, ibidem, p. 96.

<sup>89</sup>Idem, ibidem, p. 96.

<sup>90</sup>Idem, ibidem, p. 97.

<sup>91</sup> In "Introdução" a **Lima Barreto: o Crítico e a Crise**. Rio de Janeiro: Cátedra/ Brasília/INL, 1976.

relação aos escritos críticos e circunstanciais de nosso escritor : muitas vezes a reflexão nutre-se de pressupostos que se excluem, na medida em que sua consciência histórica fica abalada pelo inconformismo e protesto pela exclusão.

## 2- MONTEIRO LOBATO

### Literatura do Minarete

#### "Futebol" (vol. 14 das Obras Completas) - "O 22 da 'Marajó' " (Contos Leves)

O ponto sensível da argumentação de Monteiro Lobato refere-se à transposição de um modelo esportivo como reordenação da sociedade brasileira, o que implica uma denúncia ideológica sob vários aspectos : antes de tudo recobre o sentimento de inferioridade racial que o escritor procura compensar pela importação esportiva de uma cultura indiscutível na época. O suporte de sua argumentação é que a simples prática desse esporte ( colado à "loura mãe inglesa" ) alça mecanicamente os jogadores- mesmo populares - a uma classe superior, na medida em que age como reclassificador geral da sociedade brasileira sob todos os pontos de vista, da purificação da raça à responsabilidade social.

Se esse debate fosse traduzido em linguagem esportiva, diríamos que Lima Barreto e, veremos mais tarde, Graciliano Ramos, jogam num time oposto ao de Monteiro Lobato. Ao sarcasmo do escritor carioca, ao purismo nacionalista do autor de **Angústia** corresponde a exaltação racial do taubateano José Bento.

Em "Monteiro Lobato e o Futebol : um projeto para a elite urbana do começo do século"<sup>92</sup> Cláudio Bertolli Filho e José Carlos Bom Meihy interpretam o texto do autor de **Jeca Tatu** como apresentando interesses diversos, que se convertem entretanto num ponto único: o esporte é visto num projeto de modernização no início do século

---

<sup>92</sup>In Carlos Sebe Bom e Meihy e José Sebastião Witter (org.). **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos, op.cit.**

republicano. Portanto o analisam segundo o ponto de vista da classe dominante, à qual pertence Lobato.

"Lobato espelha fielmente a sua categoria social. Homem proveniente da 'nobreza' decadente do Vale do Paraíba, neto do Visconde de Tremembé (...), Bacharel formado pelo Largo São Francisco (sic), era transparência das opiniões comuns aos homens educados pelos positistas na virada do século".<sup>93</sup>

Na verdade o positivismo enforma todo o texto . O aprimoramento automático da saúde física através desse esporte conduziria às características da eugenia das "raças superiores", isto é , a anglo-saxã.

Dezoito anos depois, em 1923, Lobato escreve um conto de certo modo descosturado, *O 22 da 'Marajo'*<sup>94</sup> em que retoma o tema do futebol, opondo-o à capoeira. Nesse confronto observa que esta última atividade não ocasionou nenhuma transformação na sociedade brasileira. Por exemplo, o protagonista ascende socialmente, não por conta da capoeira, mas por ser moço bonito , casado com viúva endinheirada.

Ao contrário disso, observa todo um time de futebol composto de trabalhadores de uma fazenda falando "a inglesia inteira dos termos técnicos". O fazendeiro orgulhoso explica ao narrador : "aquele *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está amelavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros; e os *forwards*, simples puxadores de enxadas".

---

<sup>93</sup>Idem, *ibidem*, p. 105.

<sup>94</sup> In *Contos Leves*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

Experimentando o mesmo sentimento do fazendeiro, o narrador exclama entusiasmado: "Era assombroso! Estávamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar..."

O curioso - e aí a suposta obra de arte passa uma rasteira no suposto pensador - é que, embora despreze a "capoeiragem", mero "cultozinho" restrito às classes baixas, é ela que fornece a trama do conto, enquanto que as reflexões sobre o "revolucionário" futebol pertence à longa introdução teórica da narrativa, muito desequilibrada com tal introito.

Vale a pena observar a essa altura que para Lima Barreto, simpatizante da revolução de outubro, a "guerra" esportiva era responsável pela dissensão nacional; para o positivista Lobato, acontece justamente o oposto.

### 3- ALCÂNTARA MACHADO

#### Brás, Bexiga e Barra Funda

*Ademir impõe com seu jogo  
o ritmo do chumbo (e o peso),  
da lesma, da câmara lenta  
do homem dentro do pesadelo.*

João Cabral de Melo Neto

Ao contrário dos demais modernistas que só trataram o futebol episodicamente, Alcântara Machado trabalhou com insistência o tema em contos e crônicas. Empenhado no projeto nacionalista do Modernismo, deseja flagrar o cotidiano da cidade e descer às raízes populares. É o primeiro a incluir na temática do futebol o imigrante enquanto elemento social novo que, ao contrário de Lobato, não rejeita. O projeto nacionalista que Alcântara Machado tem em relação ao teatro, finalmente explicitado por Décio de Almeida Prado<sup>95</sup>, pode ser estendido à sua prosa, na incorporação dos temas. Mais do que isso entretanto, a composição da prosa se estrutura à semelhança do próprio jogo, como em certos poemas contemporâneos; por exemplo, o bailado inventado por Cabral para descrever o jogo de Ademir da Guia<sup>96</sup>. Por isso, embora essas composições de Alcântara Machado tenha inspirado análises variadas<sup>97</sup>, a mim interessa observar a própria figuração do jogo entranhada na prosa.

<sup>95</sup> "O Teatro e o Modernismo" in **Peças Pessoas Personagens**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

<sup>96</sup> "Ademir da Guia" in **Museu de Tudo. Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar Editora, 1994.

<sup>97</sup>Veja-se "Futebol, Metrôpole e Desastinos" de Nicolau Sevcenko, in **Revista USP**, n. 22. São Paulo, junho/julho/agosto de 94.

Vejamos o conto "Gaetaninho", espaço no qual o escritor retraça uma verdadeira anatomia do jogo.

Os sete fragmentos de tensões e tamanhos variados que compõem a narrativa retomam os diferentes momentos e figurantes envolvidos numa partida:

-1- Gaetaninho *versus* adversários no primeiro lance do jogo: como se meditasse numa jogada, "banzando bem no meio da rua" passa facilmente o Ford e a carroça, e enfrenta o desafio da mãe, aproximando-se como se estivesse a driblar, a linguagem representando o meneio de uma jogada :

"Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno . Deante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar à direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta a dentro."

Este trecho representa sem dúvida a marcação de um gol por seus diferentes ritmos e a comemoração dele : "Eta salame de mestre!"

-2- Segue-se um momento de distensão e relaxamento, que situa num especial "campo" o jogo que se desenrola, ou seja, seu lugar de classe.

-3- podemos interpretar o sonho do menino com a morte da tia como uma espécie de falta, porque joga a ação para uma outra esfera.

-4- este momento significa um prolongamento da falta, empurrado pelo remorso e que obriga o personagem a uma nova jogada, ou saída.(Substitui a tia por outra pessoa em nova versão do sonho).

-5- Jogo propriamente dito, de bola de meia, quando Gaetaninho sofre uma espécie de pênalti ( é atropelado pelo bonde) e morre

(perde o jogo). Esta parte significa o teste da realidade e a inversão da metáfora da parte -1-

-6- os comentários a respeito dessa morte podem ser considerados manifestações da torcida. Da mesma forma que a parte -7-, a conclusão, esta também se desenrola fora do campo do jogo propriamente dito, embora não do jogo metaforizado, que significa a retomada do simbólico. Aqui, o jogo da vida é derrotado; jogo que inclui aspirações além da classe social (andar de automóvel) e que é tratado através do jogo de bola, muitas vezes confundido com ele.

Essa descrição, talvez um pouco esquemática, estabelece o cruzamento do desenho do jogo com o desenho social, constituindo-se o adversário maior do pobre Gaetaninho, a estruturação de classes na sociedade capitalista.

\*\*\*

## O DEBATE IDEOLÓGICO

Quero assinalar que a abordagem da problemática do nacionalismo, segundo os pressupostos colocados pelos textos desse período, não tem a pretensão de esgotar a questão e muito menos resolvê-la. Os subterrâneos em que a ideologia do nacionalismo se acomoda e acolhe demandas de classe foge a uma interpretação unívoca - atitude que reforça a flexibilidade diante deste tema. Pede porém uma postura que aceite o precário sem que se negue uma possível visada do assunto. Pretender portanto uma solução ou uma resposta única à noção de nacionalismo é uma falsa questão ou "um convite ao erro", conforme afirma José Miguel Wisnik em "Harpejo"<sup>98</sup>, referindo-se à pesquisa do nacional e do popular na cultura brasileira.

Vejamos: o debate ideológico em torno do futebol apresenta desde o início uma preocupação nacionalista. Preocupação que muitas vezes é inconsistente e ingênua, sem que pudesse ter havido uma clareza maior no empenho ou compromisso diretamente voltados para a interpretação da cultura brasileira, como se viu, principalmente, em dois textos de Monteiro Lobato. Lidar com esse tema, portanto, significa enfrentar a questão a partir dos primeiros textos que se inspiraram nesse esporte.

---

<sup>98</sup> In *Música - O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1982.

Antonio Candido, no ensaio intitulado significativamente "Uma Palavra Instável"<sup>99</sup>, recapitula todas as formas altamente flutuantes e contraditórias de nacionalismo, principalmente na área cultural: "ufanismo patrioteiro", o "pessimismo realista", o "arianismo aristocrático", a "reinvindicação de mestiçagem", a "xenofobia", a "assimilação dos modelos europeus", e assim por diante.

Fica claro que a oscilação de sentido do termo nacionalismo obedece ao ritmo do movimento histórico do país, colada ao viés ideológico de um momento ou de uma classe.

Do ponto de vista cultural, infundável debate é a cada período revivificado a respeito da adesão irrestrita ou exclusão absoluta das fontes estrangeiras na elaboração de nossos objetos de cultura.

Sabidamente, Antonio Candido pondera - e isso é o fecho do ensaio - que não podemos cair nessa armadilha dos extremos, o que delinea o tão encontradiço perfil provinciano de críticos e criadores em geral.

Ao contrário desse radicalismo, a atitude correta está no equilíbrio entre nossas raízes e a cultura alienígena, levando em conta nossos interesses e componentes culturais, na sua pluralidade.

---

<sup>99</sup> In *Vários Escritos*. São Paulo : Livraria Duas Cidades, 1995.

Do nosso ponto de vista a dialética dessa relação, em sua mobilidade, foi analisada de modo definitivo por Paulo Emílio Salles Gomes em "Cinema : Trajetório no Subdesenvolvimento".<sup>100</sup>

Hoje clássico, o ensaio já foi amplamente debatido.<sup>101</sup> Dele quero reter duas reflexões, fundamentais para esse estudo.

A primeira refere-se a nossa ambiguidade entre "o não ser e o ser outro", na medida em que não podemos simplesmente driblar nossas raízes ocidentais, sempre em processo, e em relação ; a segunda nos informa politicamente a respeito "da deformidade do corpo social brasileiro ",em que a discussão sobre nacionalismo diz sempre respeito a uma pequena parcela da populaçãoa tomada no entanto como um todo.

Em um pequeno texto, porém, denso de idéias, Roberto Schwarz discute a exclusão do povo como a principal dificuldade de acesso à cultura devido a "um preconceito de classe invertido ". Este processo remove, ideologicamente equivocado, não apenas a participação popular dos bens culturais, porque pertencem à esfera e ao domínio da burguesia, como retira do debate político, enquanto ingrediente da agenda de partidos de esquerda, o esforço de integrar os trabalhadores no âmbito cultural e vice-versa.<sup>102</sup> Isto significa que o perfil e oscilação do termo estão também ligados às diferenças de classe e à composição monstruosa e deformada da sociedade

---

<sup>100</sup>In *Argumento*, n. 1- Rio de Janeiro: Paz e Terra, out. 1973.

<sup>101</sup> Cf. *Filme e Cultura*, Rio de Janeiro: Embrafilme, ano XIII, jul./ag./set 1980, n. 35/ 36.

<sup>102</sup>"Política e Cultura" in *Que Horas São?*. São Paulo : Cia das Letras. 1987.

brasileira. Paulo Emílio observa que "o único povo brasileiro a respeito do qual alcançamos um conceito e sobre o qual podemos pensar "é composto de apenas 30% da população. Por outro lado, a variedade dessa parcela mínima, "hoje só o futebol é autorizado a estruturar".<sup>103</sup>

O debate ideológico nacionalista centrado no futebol, e que apaixonou tantos autores, será entendido contra o pano de fundo das ponderações desses analistas da cultura brasileira.

O ponto fundamental que amarra as questões já discutidas nos textos literários baseia-se na idéia de nação brasileira que esses autores deixam entrever e de que maneira o futebol contribui para determiná-la.

Vejamos: Anna Amélia, que vê o futebol como símbolo ou representante de uma elite, vai buscar uma forma que vista perfeitamente um conteúdo de sentido nobre. Portanto, a uma figuração formal renascentista - o soneto - ela acrescenta todas as referências da literatura e da mitologia clássica, como foi analisado. Não há nenhuma descontinuidade entre um passado cultural e mítico glorioso e os comportamentos culturais do nosso Brasil dos anos 20. Assim como não há nenhuma diferença entre o assunto e o *bloco* do poema. Anna Amélia habita um tecido sem rupturas e a partir deste *lugar* é vista a sociedade brasileira : homogênea, inteira, enfim, sem contradições.

Apesar de uma diferença de mais ou menos 15 anos, podemos reunir num só bloco Monteiro Lobato, Lima Barreto e Graciliano Ramos, tendo escrito o autor de **Jeca Tatu** sobre o assunto no

---

<sup>103</sup> Não podemos esquecer a data de produção do texto: em 1973, "as massas dos comícios de antigamente". às que se refere Paulo Emílio. estavam proibidas pela ditadura militar.

primeiro decênio do século e os outros dois nos anos 20. Mas todos os três levam a sério futebol, exaltando-o ou desqualificando-o no jogo de forças da sociedade brasileira. Monteiro Lobato, conforme procurei mostrar, é o único que se mostra fracamente favorável à função do esporte : uma espécie de panacéia para os males do Brasil, um tipo de reclassificador das raças, fator de purificação delas.

Num polo inteiramente oposto situa-se Graciliano Ramos, embora sua argumentação tangencie pontos escolhidos por Monteiro Lobato, emprestando a eles, entretanto, funções e interpretações diversas.

Por exemplo, a debilidade, a inércia, etc, do brasileiro são referidas por ambos. À voz descritiva do Jeca Tatu, famoso entre nós, corresponde a definição de Graciliano :

"Fisicamente falando, somos uma verdadeira miséria. Moles, bambos, murchos, tristes - uma lástima! Pálpebras caídas, beijos caídos, braços caídos, um caimento generalizado que faz de nós o ser desengonçado, bisonho, indolente, com ar de quem repete, desenxabido e encolhido, a frase pulha que se tornou popular : 'Me deixa...' "<sup>104</sup>

A solução para esse estado de coisas deve ser a prática de exercícios e de esporte, mas não do futebol, mirado como "roupa de empréstimo que não nos serve". Na verdade, Graciliano se aproveita da discussão sobre a importância do futebol, para sarcasticamente criticar a sociedade brasileira e apontar que "o rei está nu" embora deseje envergar trajes alienígenas. Embora distinga ironicamente

---

<sup>104</sup> "Traços a Esmo", in **Linhas Tortas**. S. Paulo . Rio de Janeiro : Record / Martins , 1975.

litoral/interior do ponto de vista do adiantamento, no final iguala a todos e propõe o verdadeiro esporte nacional, que é a "rasteira", em sentido próprio e figurado :

"Cultivem a rasteira, amigos!

E se algum de vocês tiver a vocação para a política, então sim, é a certeza plena de vencer com o auxílio dela. É aí que ela culmina. Não há político que a não pratique. Desde s. exa. o senhor presidente da república até o mais pançudo e beócio coronel da roça, desses que usam sapatos de trança, bochechas moles e espadagão da Guarda-Nacional, todos os salvadores da pátria têm a habilidade de arrastar o pé no momento oportuno.

Muito útil, sim senhor.

Dediquem-se à rasteira, rapazes."

A capoeira , desqualificada por Monteiro Lobato por ser popular - seu preconceito é transparente -aqui tem outro nome. Do mesmo modo que o "atraso" não é mera questão de raça e , sim, resultado de uma certa política, bem nossa conhecida até hoje.

Por outro lado, o tom sarcástico não está distante do verbo de Lima Barreto. Porém neste último a crítica, de forma alguma primária, resvala para o terreno do ressentimento pessoal. Ambos entretanto são plenamente conscientes do caráter iníquo da sociedade brasileira. Este é o grande assunto de ambos, sendo o futebol mero pretexto. Para eles, o futebol "desvia o assunto" e muito da irritação que demonstram advém daí. Percebem que o esporte escapa de sua função lúdica, podendo sempre ser transformado em "outra coisa" a

serviço dos vários poderes. Deste ponto de vista, a análise de Duncan Shaw, referida no capítulo anterior, é reveladora.

Dentre os modernistas de 22, Alcântara Machado é o mais consequente no tratamento do assunto e por isso o escolhi.

Mário de Andrade, apesar da referência crítica contida em **Macunaíma**, presente na epígrafe deste trabalho, iguala-se a Oswald no uso do futebol como índice da vida moderna e pretexto para exploração poética.

Vejam os o poema seguinte, em **Poesias Reunidas**<sup>105</sup>, de Oswald de Andrade :

*a europa curvou-se ante o brasil*

7 a 2

3 a 1

A injustiça de Cette

4 a 0

2 a 1

2 a 0

3 a 1

E meia dúzia na cabeça dos portugueses

Quanto a Alcântara Machado, penso que a análise já revelou os pontos principais de seu tratamento do assunto. Mas não custa

---

<sup>105</sup>In **Obras Completas VII**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

sublinhar um aspecto que considero fundamental em "Gaetaninho": o que derrota o protagonista não é um mero lance de sorte ou azar no jogo propriamente dito nem simples oportunidade proporcionada pelo esporte ( porque vai buscar a bola é atropelado) ; o que o derrota é sua situação de classe ( porque vive sempre "banzando" , embalado pelo sonho de andar de carro, "subir" na boléia, quase é atropelado no início pelo ford e pela carroça e acaba realmente atingido pelo bonde). Não se trata de uma interpretação mecânica. O próprio escritor é explícito :

"Ali na rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho".

Aí estão todos os elementos do enredo de forma resumida. Que Gaetaninho era inteligente e capaz, o conto o prova, mostrando-o apto a fazer um gol. Entretanto esta vitória está circunscrita a seu *lugar*, que é a rua Oriente, a família, etc Seu verdadeiro adversário entretanto é outro e se localiza no polo oposto ao da "ralé". Por ele Gaetaninho é derrotado de forma definitiva.

A justeza dessa análise de Alcântara Machado pode encontrar paralelo, salvo erro, num conto contemporâneo : "Cai Fora", de Zulmira Ribeiro Tavares<sup>106</sup>. Também aqui o futebol está em seu devido lugar, subordinado a outras forças, embora elemento estrutural

---

<sup>106</sup>In **O Japonês dos Olhos Redondos**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1982.

na composição do conto. Entre sonhos, interpretações psicanalíticas - bem ou mal compreendidas - vitórias e um pouco de alegria, o que realmente vence o personagem é o universo da pobreza, cujo círculo se amplia, como a cidade, mais ampla que a várzea.

"A infância de Juraci:

Os urubus na trave, o brilho da água empoçada, a várzea lavada depois da chuva, a cidade longe na linha do horizonte. Por esta várzea passou a infância de Juraci. Ele cresceu como o casario longe; tem pés volantes, corre, atingiu o limite da cidade".

Podemos concluir afirmando que os textos mais consequentes que tratam do futebol - antes tão estrangeiro, em seguida tão nosso - não se limitam a usá-lo como um tema qualquer, mas o enfrentam no jogo de forças que compõem a sociedade brasileira.

\*\*\*

## CONCLUSÃO

Penso que minha contribuição ao estudo do futebol enquanto tema se localiza no fato de que o analisei, não como algo periférico ou superficial na literatura, mas como elemento estruturador das obras.

Ao mesmo tempo, a figuração que toma nos textos, vai depender da qualidade do debate ideológico, bastante aquecido no período, envolvendo a instabilidade do sentido de nacionalismo. Conforme afirmei na *Introdução*, a época vivamente me interessou pela curiosa razão de que as discussões teóricas sobre o esporte, que hoje são principalmente do interesse dos antropólogos, psicólogos, etc, eram então travadas pelos literatos.

Não custa também observar que, talvez não só entre nós, o futebol enquanto esporte descreveu uma rota oposta ao futebol enquanto tema nas artes. Por exemplo: de esporte de elite passou a popular e depois ao nível profissional, o que, como sabemos, mobiliza outros fatores; no entanto, enquanto tema literário, o futebol é principalmente tratado pela literatura culta, sem excluir manifestações no terreno da cultura popular.<sup>107</sup> O veio é sugestivo, mas não quis me desviar do recorte que estabeleci em relação ao assunto.

Também descartei o traçado de um esboço histórico do esporte, por ter sido excessivamente tratado pelos que se interessam pelo tema, embora em minhas pesquisas tivesse me deparado com

---

<sup>107</sup> Sem dúvida, na esfera popular, o tema é mais tratado nas artes plásticas, embora haja exemplos no cordel, como o imaginoso folheto de Flávio Fernandes Moreira, **Futebol dos Peixes**. Rio de Janeiro: Governo do Estado/Secretaria do Estado de Educação e Cultura/ Departamento de Cultura/ Instituto Estadual do Livro, 1978.

detalhes curiosos. Por exemplo : o dado tão citado do uso, em tempos idos, do pó-de-arroz pelos jogadores do Fluminense e que se tornou sinônimo do próprio time, sempre foi interpretado como intuito de dissimulação da raça negra ou mestiça, que queria se passar por branca. No entanto, não se poder descartar que houve uma época em que se generalizou o uso do pó-de-arroz para os homens elegantes. Para Décio de Almeida Prado<sup>108</sup> esse foi o fator determinante do epíteto "pó-de-arroz", num tempo em que se copiava a moda masculina ditada por Rodolfo Valentino. Afirmou também que nos reservados masculinos dos lugares elegantes existiam sempre potes contendo pó-de-arroz para os *almofadinhas*.<sup>109</sup>

Em suma, este ensaio tentou mostrar, para além do debate ideológico, que o futebol está praticamente presente em todas as manifestações da cultura, desde as mais despretensiosas às mais sofisticadas.

\*\*\*

---

<sup>108</sup>Devo esta informação a Vilma Arêas.

<sup>109</sup> Segundo nos mostra Eça de Queirós. Basílio, o primo pilantra de Luísa, também se empoava.

## SUMMARY

This essay analyses the relation between foot-ball and some texts - literary or not - from the time when this sport was introduced in Brazil until the *Estado Novo*.

Its aim is to study social and historical implications in the structure of the texts and in the understanding of the sport, being the concept of *nationalism*, with its various senses, the basis of most of the texts.

This fact justifies the references to the principal theories about foot-ball in the first chapter. There are at least glimpses of them in some of the texts studied in the second and last chapter.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de - **Obras completas** Vol. VII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, 5a. edição.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira- "O futebol nas fábricas" **in Revista USP** n. 22. São Paulo: jun/jul/ag 1994.

BARRETO, Lima - **Feiras e mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BROCA, Brito - **A Vida literária no Brasil- 1900**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960.

BUYTENDIJK, F.J.J.- **Le football une étude psychologique**. Paris: D. Brouwer, 1952.

CANDIDO, Antonio - "Realidade e realismo" **in Recortes**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_ - "Uma palavra instável" **in Vários escritos**. São Paulo, Duas Cidades, 1995.

GOMES, Paulo Emílio Salles- "Cinema: trajetória no subdesenvolvimento" **in Argumento** n. 1. Rio de Janeiro: out. de 1973.

HANDKE, Peter. **O medo do goleiro diante do pênalti**. Tradução de Zé-Pedro Antunes. São Paulo: Brasiliense, 1988.

KLINTOWTZ, Jacob e SANTOS, Joel Rufino dos- "Futebol e história" **in Encontros com a civilização brasileira** n. 5. Rio de Janeiro: novembro de 1978

LOBATO, Monteiro - "O 22 da 'Marajó' " **in Contos leves**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1941.

\_\_\_\_\_ - "Futebol" **in Obras completas** vol.17. São Paulo : Brasiliense,1946.

LOPES. J. Sérgio Leite- **Estudos de antropologia social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MACHADO, António de Alcântara- **Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo**. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982.

NETO, João Cabral de Melo- **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PRADO, Antonio Arnoni- **Lima Barreto: o crítico e a crise**. Rio de Janeiro : Cátedra/ Brasília: INL, 1976.

PRADO, Décio de Almeida- **Peças Pessoas Personagens**. São Paulo : Cia das Letras, 1993.

RAMOS, Graciliano- **Linhas tortas**. 3a. edição. Rio de Janeiro : Record/ São Paulo: Martins, 1975.

REID, Douglas A.- " Popular theatre in victorian Birmghan" **in Performance and politics in popular drama**. London : Cambridge University Press, 1980.

ROSENFELD, Anatol- "O futebol no Brasil" **in Argumento**. São Paulo : Paz e Terra, 1974.

SEVCENKO, Nicolau - "Futebol, metrópole e desatinos" **in Revista USP**, n.22. São Paulo : jun/jul/ag. 1994.

SCHWARZ, Roberto- **Que horas são ?** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SHAW, Duncan- "La política del fútbol" **in /revista del Occidente**. Madrid: Madrid Comercial Atheneum, S.A., n. 50, enero, 1986.

SOARES, Luiz Eduardo. **Análises de estratégias simbólicas-futebol e ideologia.** (mimeografado), 1974.

\_\_\_\_\_ "Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas" in **Boletim do Museu Nacional.** Rio de Janeiro : 1979.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. "Cai Fora" in **O japonês dos olhos redondos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WISNICK, José Miguel- "Harpejo" in **Música- o nacional e o pular na cultura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

WITTER, José Sebastião ( org.)- **Em campo, futebol e cultura.** São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, 1982.

\_\_\_\_\_ e MEIHY, José Carlos S. B. ( org.)- **Futebol e cultura : coletânea de estudos.** São Paulo : Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982.

\*\*\*